



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e do Ensino do

1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio Profissional

I, II, III e IV

Maria Fraústo Duarte Pina

Lisboa, agosto de 2022



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e do Ensino do
1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio Profissional

I, II, III e IV

Maria Fraústo Duarte Pina

Relatório apresentado para obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico sob a orientação da
Professora Doutora Maria Fernanda Sampaio

Lisboa, agosto de 2022



Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo)..... Maria Fernanda dos Santos Mendes.....

..... Sampaio.....

Coorientador/a (nome completo).....

tendo presente o Relatório de Estágio Profissional da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a

licenciado/a, Maria Francisca Duarte Pina.....

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Educação.....

..... Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino.....
..... Básico......

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio Profissional apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 8 de agosto de 2022

O/A Orientador/a

..... Maria Fernanda dos Santos Mendes Sampaio.....
(Assinatura)



Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus que me acompanharam nesta caminhada acadêmica, e por todo o apoio prestado, proporcionando sempre momentos de partilha, carinho, disponibilidade, e compreensão perante a minha pessoa e as restantes estudantes. Espero que esta associação seja a minha casa, o meu lugar feliz.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Matilde e João, por todo o processo de formação que tive até aos dias de hoje. Fora eles que tiveram maior tolerância comigo quando era necessário e espero deixá-los orgulhosos por mais uma conquista da minha vida. Uma conquista doce e sorridente, que tem para sempre escrito no coração *Be Happy*.

Aos meus avós por também terem contribuído com todo o amor e carinho, criando a menina que sou hoje. E aos tios, tias, primos e primas por serem eles mesmo, e isso é tudo.

Às minhas amigas, Inês, Verónica, Patrícia F., Ana Rita, Patrícia C. e Eva que me acompanharam em toda esta caminhada ao longo de cinco anos, com quem partilhei tudo, desde os momentos bons aos momentos menos bons, estou-lhes muito grata por toda a paciência que tiveram comigo ao longo deste tempo. Espero que esta amizade perdure por muitos e muitos anos.

Agradeço ao Ricardo por me acompanhar nesta caminhada, que apesar de curta foi bastante intensa. Por ter muita paciência comigo e me ajudar a fazer trabalhos manuais para as minhas aulas. Espero que juntos façamos o nosso mundo melhor.

Madrinha Daniela e Maria José obrigada pelo apoio que me deram ao longo deste percurso.

Quero agradecer à minha orientadora de estágio Professora Doutora Maria Fernanda Sampaio, por ser tão amigável comigo desde que a conheci, mas também pela ajuda e todo o apoio dado ao longo deste meu percurso. Cada etapa que ultrapassei com a sua ajuda fez de mim uma pessoa melhor e mais confiante.

Agradecer também a todos aqueles que passaram na minha vida pessoal e profissional, que me fizeram crescer a todos os níveis, contribuindo para o meu sucesso através de palavras ou atos.

Resumo

Este Relatório de Estágio Profissional tem como objetivo refletir sobre diversos temas na área da investigação em Educação e contempla vários momentos vivenciados ao longo dos estágios I, II, III, IV. No âmbito do Estágio Profissional, elaborado no Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo a durabilidade de 4 semestres, iniciado a 2020 e término em 2022.

O relatório de estágio está dividido em quatro capítulos, sendo estes mencionados pela seguinte ordem: relatos de estágio, planificações, dispositivos de avaliação e proposta de um trabalho de projeto.

No primeiro capítulo são enunciados dez relatos de estágio, dos quais três são planificados e implementados por mim e os restantes sete são atividades/aulas observadas por educadoras, professoras ou colegas.

O segundo capítulo relata oito planificações, das quais quatro atividades em Educação Pré-Escolar e as restantes quatro, correspondem a aulas de 1.º Ciclo do Ensino Básico, estas foram desenvolvidas ao longo do mestrado. Este capítulo refere as estratégias e os recursos utilizados, de acordo com a faixa etária a que se destinavam, tendo por base o parecer de vários autores.

No terceiro capítulo apresentam-se quatro dispositivos de avaliação de diversos Domínios da aprendizagem, dois são referentes à Educação Pré-Escolar e os restantes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este capítulo contempla uma reflexão sobre o mesmo, assim como inclui os respetivos parâmetros e critérios de avaliação das atividades/aulas propostas e respetiva análise fundamentada sobre os resultados obtidos.

O quarto, e último, capítulo é referente a uma proposta de um Trabalho de Projeto, intitulado de Plantas Autóctones, este é direcionado para o 3.º ano do Ensino Básico e tem como objetivo consciencializar os alunos da importância das plantas autóctones no nosso ecossistema.

No final do Relatório, apresento as Considerações Finais, onde faço uma reflexão sobre o percurso realizado ao longo do Estágio Profissional, seguindo-se as Referências Bibliográficas e os Anexos.

O estágio no 1.º semestre, do período de 16 de outubro de 2020 até 12 de fevereiro de 2021 foi desenvolvido através da plataforma Zoom devido à pandemia da COVID 19.

Palavras-Chave: Estágio; Educação Pré-Escolar; Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico; Planificações; Trabalho de Projeto.

Abstract

This Professional Internship Report aims to reflect on various topics in the area of research in Education and includes several moments experienced throughout the internships I, II, III, IV. In the context of Professional Internship, prepared in the Master's Degree in Preschool Education and 1st Cycle of Basic Education, lasting four semesters, beginning in 2020 and ending in 2022.

The internship report is divided into four chapters, which are mentioned in the following order: internship reports, planning, evaluation devices and proposal of a work project.

In the first chapter ten internship reports are listed, of which three are planned and implemented by me and the remaining seven are activities/lessons observed by educators, teachers, or colleagues.

The second chapter reports eight plans, four of which are activities in preschool education and the remaining four correspond to lessons in the 1st cycle of basic education, which were developed throughout the master's degree. This chapter refers to the strategies and resources used, according to the age group to which they were intended, based on the opinion of several authors.

The third chapter presents four assessment devices from different learning domains, two referring to pre-school education and the others to the 1st cycle of basic education. This chapter includes a reflection on the same, as well as the respective parameters and evaluation criteria of the proposed activities/lessons and respective reasoned analysis of the results obtained.

The fourth and last chapter refers to the Project Work, entitled "Autochthonous Plants", which is oriented to the 3rd year of elementary school in order to appeal to students of the importance of native plants in our ecosystem.

In the end of this Report, I refer some Considerations about where I reflect on the path taken throughout the Professional Internship, followed by the Bibliographical References and the Annexes.

The internship in the 1st semester, from October 16, 2020 to February 12, 2021, was developed through the Zoom platform due to the COVID 19 pandemic.

Keywords: Internship; Preschool Education; Teaching in the 1st Cycle of Basic Education; Planning; Project Work.

Índice

Índice de Quadros	xi
Índice de Figuras	xii
Introdução	1
1. Identificação e contextualização do Estágio Profissional	2
2. Calendarização e Cronograma	2
Capítulo 1 – Relatos de Estágio	5
1.1. Síntese do Capítulo	5
1.2. Relatos de Estágio	5
1.2.1. Relato de Estágio 1 - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos	5
1.2.2. Relato de Estágio 2 - Domínio da Matemática - 4 anos	7
1.2.3. Relato de Estágio 3 - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - 4 anos	8
1.2.4. Relato de Estágio 4 - Área do Conhecimento do Mundo - 5 anos	10
1.2.5. Relato de Estágio 5 - Domínio da Matemática - 5 anos	12
1.2.6. Relato de Estágio 6 - Disciplina de Português - 1.º ano	13
1.2.7. Relato de Estágio 7 - Domínio da Educação Artística: Expressão Dramática/Teatro - 1.º ano	15
1.2.8. Relato de Estágio 8 - Disciplina de Matemática - 3.º ano	17
1.2.9. Relato de Estágio 9 - Disciplina de Estudo do Meio - 3.º ano	19
1.2.10. Relato de estágio 10 - Disciplina de Português - 4.º ano	21
Capítulo 2 – Planificações	23
2.1. Síntese do capítulo	23
2.2. Fundamentação teórica	23
2.3. Planificações em quadro	24
2.3.1. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo - 3 anos	24
2.3.2. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo - 4 anos	27
2.3.3. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo - 5 anos	29
2.3.4. Planificação da atividade do Domínio da Matemática - 5 anos	30
2.3.5. Planificação da aula da Disciplina de Português - 1.º ano	33
2.3.6. Planificação da aula da Disciplina de Estudo do Meio - 2.º ano	35
2.3.7. Planificação da aula da Disciplina de Português (Educação Literária) - 3.º ano ...	37
2.3.8. Planificação da aula da Disciplina de Matemática - 4.º ano	39
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação	41
3.1. Síntese do capítulo	41
3.2. Fundamentação teórica	41

3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - 4 anos	44
3.3.1. Contextualização da atividade	44
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	44
3.3.3. Apresentação e análise dos resultados	46
3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - 5 anos	47
3.4.1. Contextualização da atividade	47
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	47
3.4.3. Apresentação e análise dos dados	49
3.5. Avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Matemática - 3.º ano	50
3.5.1. Contextualização da proposta	50
3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	51
3.5.3. Apresentação e análise dos resultados	53
3.6. Avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Português	55
3.6.1. Contextualização da proposta	55
3.6.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	56
3.6.3. Apresentação e análise dos resultados	57
Capítulo 4 – Proposta de um Trabalho de Projeto – Plantas Autóctones	59
4.1. Introdução ao tema do projeto	59
4.2. Fundamentação teórica	60
4.2.1. Metodologia do trabalho de projeto	60
4.3. A escolha do tema	61
4.4. Desenvolvimento do projeto	61
4.4.1. Problema	61
4.4.2. Problemas parcelares	61
4.4.3. Destinatários	62
4.4.4. Entidades envolvidas	62
4.4.5. Motivação e negociação	62
4.4.6. Objetivos gerais	62
4.4.7. Objetivos específicos	63
4.4.8. Planeamento	63
4.4.9. Recursos	65
4.4.9.1. Recursos humanos	65
4.4.9.2. Recursos materiais	65
4.4.10. Produtos finais	65
4.4.11. Avaliação	65

4.4.11.1. Do processo	65
4.4.11.2. Do produto final	66
4.5 Calendarização	66
4.6. Considerações finais do Trabalho de Projeto	66
Considerações Finais	68
Referências Bibliográficas	70
Anexos	80
Anexo 1 – História do Sr. Tan	
Anexo 2 – Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos	
Anexo 3 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos	
Anexo 4 - Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos	
Anexo 5 - Grelha de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos	
Anexo 6 – Proposta de trabalho da Disciplina de Matemática – 3.º ano	
Anexo 7 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Matemática – 3.º ano	
Anexo 8 - Proposta de trabalho da Disciplina de Português – 4.º ano	
Anexo 9 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Português – 4.º ano	

Índice de Quadros

Quadro 1 - Cronograma de Estágio.....	4
Quadro 2 – Planificação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo – 3 anos	25
Quadro 3 – Planificação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo – 4 anos	27
Quadro 4 – Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos	29
Quadro 5 – Planificação da atividade do Domínio da Matemática – 5 anos	31
Quadro 6 – Planificação da aula de Português – 1.º ano.....	33
Quadro 7 – Planificação da aula de Estudo do Meio – 2.º ano	35
Quadro 8 – Planificação da aula de Português – 3.º ano.....	37
Quadro 9 – Planificação da aula de Matemática – 4.º ano	39
Quadro 10 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos	45
Quadro 11 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação para a proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	49
Quadro 12 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Matemática	53
Quadro 13 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Português	57
Quadro 14 – Cronograma do trabalho de projeto	66

Índice de Figuras

Figura 1 - A história - A que sabe a lua?	6
Figura 2 - A que sabe a lua para cada criança	6
Figura 3 - A joaninha com envelope por debaixo das asas.....	10
Figura 4 - Fases de vida da joaninha.....	11
Figura 5 - Caixa de cartão com estrelas de palavras.....	14
Figura 6 - Fantasma do Dia das Bruxas	16
Figura 7 -Gincana do Tangram.....	18
Figura 8 - Gincana do Geoplano	18
Figura 9 - Gincana do Pentaminó.....	19
Figura 10 - Gincana do Raciocínio Lógico.....	19
Figura 11 - Hamster "Mashmallow"	20
Figura 12 - Pote dos desejos.....	22
Figura 13 - Pote dos desejos dos alunos do 4.º ano.....	22
Figura 14 - Resultados da avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	46
Figura 15 - Resultados da avaliação da proposta de atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	49
Figura 16 - Resultados da avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Matemática.....	54
Figura 17 - Resultados da avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Português..	57

Introdução

O Relatório de Estágio Profissional foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, durante quatro semestres na Escola Superior de Educação João de Deus, nos anos letivos de 2020/2021 e 2021/2022.

O Estágio é uma mais valia para todos os estudantes, não sendo apenas importante para os estudantes de educação, mas para todos os que o realizam. Este, no meu caso em concreto, é uma prática que me aproxima à realidade do contexto de trabalho. De acordo com Bolhão (2013), o estágio é “um componente importante do processo de formação académica, no qual o aluno se prepara para a inserção no mercado de trabalho” (p.2).

No decorrer do estágio, tive oportunidade de observar atividades/aulas implementadas por colegas e docentes, permitindo a partilha de informações, conhecimentos, estratégias e respetivas reflexões sobre as mesmas.

No primeiro ano do Mestrado, o Estágio Profissional, a partir de 11 de março de 2020, passou a realizar-se por plataforma *Zoom*, devido à situação pandémica Covid-19, pois o Governo decretou o encerramento presencial das escolas, segundo o Decreto-Lei n.º 20-H/2020, 14 de maio, foi aprovado um conjunto de medidas temporárias “entre as quais a suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais”.

No segundo e último ano do Mestrado, o Estágio Profissional voltou à sua normalidade, de forma presencial.

Caldeira, Pereira e Silva-Botelho (2017) referem que a aprendizagem “é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivencia e reflete entre pares, supervisores e orientadores” (p.48).

As autoras supracitadas, citam Alarcão e Tavares (2016) acerca da Prática Pedagógica referindo que vai influenciar “o processo de ensino-aprendizagem que pressupõe e facilita o desenvolvimento do aluno e do professor em formação.” (p.45), acrescentando também que a interação destes três intervenientes vai ser crucial através de uma “dinâmica recíproca, assimétrica e helicoidal, espiralada”, ou seja, pretende uma “relação de supervisão, desenvolvimento e aprendizagem” (p.49).

O Perfil do Aluno à Escolaridade Obrigatória (Ministérios de Educação [ME], 2017) criou um quadro de referência que pressupõem aspetos como a liberdade, responsabilidade, valorização do trabalho, consciência de si, entre outros; visando a importância de “criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico. Trata-se de formar pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos” (p.5). Cohen e Fradique (2018) afirmam ser importante desenvolver competências do século XXI através de: “literacias fundamentais, competências e caráter”, ou seja, de que forma são aplicadas as

competências básicas no quotidiano, de que forma se enfrentam desafios e de que forma se enfrentam os desafios no meio envolvente.

1. Identificação e contextualização do Estágio Profissional

O estágio I realizou-se numa IPSS na cidade de Lisboa, com valência de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este estabelecimento de ensino tem a seguinte organização: grupos/turmas dos 3 anos até ao 4.º ano, tendo 2 grupos/turmas de cada ano de escolaridade, perfazendo sensivelmente 314 crianças/alunos, 6 educadores, 8 professores, compreendendo ainda os professores de Música, Inglês e Educação Física. Relativamente ao seu interior é acolhedor, tendo dimensões satisfatórias. O espaço exterior é composto por dois recreios, um para a Educação Pré-Escolar e outro para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo também um ginásio que contém um palco, e uma sala de informática. Todo o grupo envolvente nesta instituição, o corpo docente e não docente, criou um ambiente bastante acolhedor quando lá realizámos o estágio.

O estágio II decorreu numa IPSS na cidade de Lisboa, com valência de Creche, Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este estabelecimento de ensino tem a seguinte organização: grupos/turmas de 1 ano de idade até ao 4.º ano, tendo 2 grupos/turmas de cada ano de escolaridade, perfazendo sensivelmente 370 crianças/alunos, 8 educadores, 8 professores, incluindo ainda os professores de Música, Inglês e Educação Física. O espaço exterior é composto por dois recreios, um para a educação Pré-Escolar e outro para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, incluindo um ginásio, biblioteca e sala de informática. Nesta instituição, o corpo docente e não docente, disponibilizaram-se desde o início para que o meu desempenho na instituição decorresse do melhor modo.

O estágio III decorreu numa IPSS em Lisboa, tendo esta cerca de 625 crianças/alunos. Este estabelecimento de ensino abrange as valências de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo a seguinte organização: da faixa etária dos 3 anos até ao 4.º ano, existindo 2 grupos/turmas por cada faixa etária, além disso, existe mais uma turma de 4.º ano, tendo 6 educadores, 8 professores, incluindo ainda os professores de Música, Inglês e Educação Física. A escola tem dois recreios exteriores, um ginásio, e uma sala de informática.

O estágio IV realizou-se na mesma instituição que o estágio II.

2. Calendarização e Cronograma

O 1.º estágio foi realizado apenas no contexto educativo de Educação Pré-Escolar, mais especificamente na faixa etária dos 4 anos de idade, este decorreu entre 16 de outubro de

2020 até 12 de fevereiro de 2021, todas as segundas-feiras das 9h às 16h, e sextas-feiras das 9h à 13h (Quadro 1).

Relativamente ao 2.º estágio foi efetuado no contexto educativo também de Educação Pré-Escolar, na faixa etária dos 5 anos (Quadro 1) e decorreu de 12 de março de 2021 até 09 de julho de 2021, de segunda-feira a sexta-feira das 9h às 16h.

O 3.º estágio decorreu na valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente no 1.º ano (Quadro 1). Este decorreu a partir do dia 10 de outubro de 2021 até 18 de fevereiro de 2022.

O 4.º e último estágio decorreu na valência do 1.º Ciclo do Ensino Básico, primeiramente no 4.º ano e em seguida no 3.º ano, desde o dia 7 de março de 2022 até 30 de junho de 2022.

Para uma melhor compreensão do mesmo, irei explicitar e apresentar no cronograma a seguir, todas as atividades/aulas realizadas ao longo de cada semestre, assim como as reuniões de estágio, orientações tutoriais, e apoio ao relatório de estágio.

No ano letivo 2020/2021, durante o período de 21 janeiro 2021 até 19 de abril de 2021 não foi possível o ensino presencial nas escolas, assim como o estágio presencial devido à pandemia COVID 19, esta situação encontra-se mencionada no Decreto de Lei n.º 3-C/2021 “c). À suspensão das atividades letivas e não letivas e de apoio social, nos termos do artigo 31.º–A do Decreto n.º 3–A/2021, de 14 de janeiro; d) À suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais nas instituições de ensino superior, nos termos do artigo 31.º–A do Decreto n.º 3–A/2021, de 14 de janeiro”.

O estado de emergência, segundo a Direção Geral de Saúde [DGS] (2021a/b), é um estado que pode ser ativado em situação de calamidade pública, levando assim a “adotar medidas como a suspensão ou restrição de determinados direitos, liberdades e garantias dos cidadãos”, este incluiu a imposição destas medidas para que exista uma proteção da saúde pública.

De acordo com Lopes e Silva (2020) declaram que a *internet (web)* veio revolucionar a educação, “o e-learning, ou educação virtual a distância, como uma nova maneira de aprender, complementar ao ensino em sala de aula ou mesmo como seu substituto” (p.173).

Para que a aprendizagem das crianças não fosse prejudicada, passou a existir o ensino à distância, e segundo a DGS (2021a), o ensino à distância atua “através de uma plataforma digital, constituída por salas de aula virtuais, organizadas por público-alvo, ano e ciclo de escolaridade, com recurso a formas de trabalho síncronas e assíncronas.” (s.p.)

Lopes e Silva (2020) desconstroem os conceitos de comunicação síncrona e assíncrona, sendo estas, “a educação à distância, a comunicação assíncrona – professores e alunos comunicavam em lugares diferentes e em tempos diferentes”, e também “a modalidade síncrona, que possibilita a comunicação entre professores/formadores e alunos/formados, em tempo real e numa sala de aula virtual” (p.175).

Quadro 1 - Cronograma de Estágio

Semestre	Atividade		Datas
1.º	Estágio em Educação Pré-Escolar	Estágio com o grupo dos 4 anos*	16-10-2020 até 12-02-2021
		Reuniões de Estágio	20-11-2020; 18-12-2020; 22-01-2021; 25-01-2021; 29-01-2021; 01-02-2021; 15-02-2021
		Orientação Tutorial de Estágio Profissional I	2 horas por semana (Total de 32 horas)
		Elaboração do Relatório de Estágio Profissional I	13-10-2020 até 09-02-2021
2.º	Estágio em Educação Pré-Escolar	Estágio com o grupo dos 5 anos	12-03-2021 até 09-07-2021
		Reuniões de Estágio	08-03-2021; 14-05-2021; 25-06-2021
		Orientação Tutorial de Estágio Profissional II	2 horas por semana (Total de 32 horas)
		Elaboração de Estágio Profissional II	09-03-2021 até 06-07-2021
3.º	Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico	Estágio com a turma de 1.º ano	15-10-2021 até 18-02-2022
		Reuniões de Estágio	12-11-2021; 28-01-2021; 22-02-2022
		Orientação Tutorial de Estágio Profissional III	2 horas por semana (Total de 32 horas)
		Elaboração de Estágio Profissional III	14-10-2021 até 18-02-2022
		Seminário de Contacto com a Realidade Educativa III	27-09-2021 até 8-10-2021
4.º	Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico	Estágio com a turma do 4.º ano	7-03-2022 até 29-04-2022
		Estágio com a turma do 3.º ano	2-05-2022 até 8-07-2022
		Reuniões de Estágio	1-04-2022; 27-05-2022; 24-06-2022; 15-07-2022
		Orientação Tutorial de Estágio Profissional IV	2 horas por semana (Total de 32 horas)
		Elaboração de Estágio Profissional IV	7-03-2022 até 08-07-2022
		Seminário de Contacto com a Realidade Educativa IV	21-02-2022 até 25-02-2022

*A maioria deste período foi realizado em casa, assistindo a aulas através da plataforma Zoom.

Capítulo 1 – Relatos de Estágio

1.1. Síntese do Capítulo

O primeiro capítulo abrange dez relatos observados em estágio que considere mais significativos para a minha aprendizagem. Os relatos aqui presentes são de atividades/aulas que observei ou vivenciei no ambiente escolar, abrangendo grupos de Educação Pré-Escolar e turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.2. Relatos de Estágio

1.2.1. Relato de Estágio 1 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos

A atividade que relato foi realizada no dia 1 de março de 2021, tendo sido uma atividade dinamizada pela educadora da sala.

As crianças dispuseram-se em semicírculo na sala, sentadas no tapete, ficando a educadora ao centro. Zabalza (2001) expressa a importância da organização dos espaços para que “promovam a alegria, o gostar de estar na escola, e que potenciam o desenvolvimento integrado das crianças” (p.119), pois a Escola é desde cedo a sua segunda casa, sendo necessário que exista bem estar neste espaço.

A educadora iniciou a leitura da história *A que sabe a lua?* escrita por Michael Grejniec. As personagens desta história são animais que vão cooperando e ajudando-se mutuamente, tendo como objetivo alcançar a lua, e conhecer o sabor da mesma. Eles são persistentes alcançando o objetivo sobre o verdadeiro sabor da lua.

Antes de iniciar a leitura, a educadora questionou as crianças se conheciam a história, mas não era o caso, pediu também a duas crianças para identificarem as imagens da capa, seguindo-se o momento da leitura.

A educadora fez uma leitura audível, dinâmica, e com várias inflexões de voz, tornando a história aliciante para as crianças. Saber ouvir é um conceito importante pois se ouvirmos temos êxito no essencial. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) indicam o significado de saber escutar “é uma tarefa activa com grande valor informativo no que respeita quer à comunicação, quer à aprendizagem” (p.37).

É na idade Pré-Escolar que deve ser estimulado o prazer pela leitura, pois de acordo com as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar [OCEPE] (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), se as crianças ouvem falar bem, passam também elas a falar bem através de “utilização de muitas palavras, na construção de um vocabulário alargado, na compreensão

de questões, ordens, mensagens, conversas, etc.” (p.61), passando a serem melhor compreendidas, sendo esta construção feita de forma natural.

O restante material utilizado para além do livro, foi um cavalete de um quadro branco e as imagens dos animais da história plastificadas. À medida que a história ia sendo lida, a educadora decidiu colocar no chão as imagens dos animais viradas ao contrário, de modo a não se visualizarem os animais. Enquanto iam ouvindo a história e aparecia um animal, uma criança levantava-se para ir procurar a imagem, fazendo o reconhecimento da figura através da sua forma.

A história foi sendo contada, e à medida que um dos animais não conseguia chegar à lua, havia o aparecimento de um novo animal. As crianças repetiam a sequência dos outros animais pela sua ordem, apelando à memória e às imagens representadas na Figura 1.



Figura 1 - A história - A que sabe a lua?

Bauer e Pathman (2008) explicam a importância da memória, ou seja, “forma a base de nosso sentimento de identidade, orienta nossos pensamentos e nossas decisões, influencia nossas reações emocionais e nos permite aprender” (p.1).

No desfecho da atividade, uma das crianças concluiu em voz audível que todos gostavam do sabor da lua, tendo o auxílio da docente, levando-os a perceber que a lua sabia ao que cada animal mais gostava de comer. A educadora terminou a atividade escrevendo numa folha de papel o nome de cada criança, e à frente qual seria o sabor da lua de acordo com as suas preferências, tendo surgido respostas variadas: “peixe”, “pizza”, “chocolate”, entre outros (Figura 2).

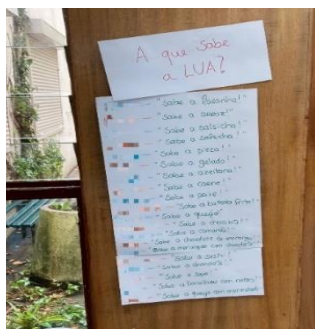


Figura 2 - A que sabe a lua para cada criança

A UNICEF (2019) afirma que a “criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração” (p.13).

É importante que as crianças sejam estimuladas a falar pois assim adquirem “um conjunto de regras e usos da língua”, mas também se devem expressar “individualmente, interagirem verbalmente e, deste modo, desenvolverem as suas capacidades de expressão oral” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p.40).

1.2.2. Relato de Estágio 2 – Domínio da Matemática – 4 anos

A atividade que realizei no dia 19 de outubro de 2020, abordou contagens, associação do número à quantidade, cálculo mental e orientação espacial, segundo as OCEPE (Silva, et al., 2016) estes inserem-se na Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

As noções de matemática, segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999), estão relacionadas com competências matemáticas como por exemplo “com atitudes, as capacidades e os conhecimentos relativos à matemática que, de uma forma integrada, todos devem desenvolver e ser capazes de usar, podendo identificar a noção de *literacia matemática*.” (p.11).

Esta atividade decorreu no salão da instituição, onde comecei por distribuir o material matemático *Cuisenaire* pelas crianças, sendo este um material estruturado que é formado por barras ou peças coloridas. As peças têm 10 cores, dez comprimentos diferentes, que correspondem a diferentes valores, estes vão desde 1 cm a 10 cm e a peça branca é a peça padrão (1 unidade), que serve de medida a todas as outras peças.

Para além deste material, distribuí mais dois materiais não estruturados. Um deles era uma caixa de meia dúzia de ovos que estava cortada ao meio, tendo o seu interior pintado, e o outro material era uma placa plastificada dividida em 6 partes pintadas com as mesmas cores da caixa de ovos: branco, amarelo, azul, roxo, verde e encarnado. Considerei bastante importante a junção de um material estruturado e de outro não estruturado, principalmente na Educação Pré-Escolar pois são fundamentais para a manipulação e a noção do concreto.

Os materiais manipuláveis consistem “em manipular objetos e «extrair» princípios matemáticos” devendo “representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstratas” (Caldeira, 2009b, p.15). De acordo com a mesma autora, a manipulação dos mesmos servem para “atingir objetivos e nunca um fim de si mesmo”, fazendo com que ative a “acção mental que estimula, quando as crianças têm os diferentes objetos nas suas mãos, utilizando o jogo como facilitador da aprendizagem” (2021, p.193).

A atividade começou através de uma dramatização, recorrendo a um fantoche cuja personagem era um galo, pedindo às crianças que cantassem em conjunto a canção *O nosso galo é bom cantor*. Segundo as OCEPE (Silva, et al., 2016), “a abordagem à Música no jardim

de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança.” (p.54)

A história concebida por mim tinha as galinhas que colocavam os ovos nos seus ninhos. Os ninhos estavam representados através das cores do material não estruturado e fui ditando a quantidade de ovos que cada galinha tinha posto e as crianças tinham de associar a quantidade à peça do *Cuisenaire*, por exemplo: a galinha do ninho encarnado pôs 5 ovos, e a criança tinha de ir procurar a peça do *Cuisenaire* que representava as 5 unidades, que era a peça amarela. Através deste manuseamento das peças, a criança descobre os números e realização de associações, podendo observar, manipular, calcular e compreender (Damas, Oliveira, Nunes & Silva, 2010). Em simultâneo a criança está a desenvolver a sua motricidade fina, “a aquisição da função motora madura permite à criança explorar o mundo, tornar-se autónoma e estimular as restantes aquisições (Antunes, 2018, p.51).

Através deste material desenvolveu-se também o vocabulário matemático como por exemplo: par, dúzia, dezena, dobro, maior (>), menor (<) e igual (=), assim como a orientação espacial (superior, inferior, direita, esquerda). Em concordância com Abrantes, et. al, (1999) a visão espacial promove “meios de perceber o mundo físico e de interpretar, modificar e antecipar transformações relativamente aos objetos.” (p.68), e saber aplicá-las em inúmeras situações é um importante processo.

No final da atividade, referi que o galo necessitava de chegar aos ninhos através de uma escada, apelando à memória das crianças através do material *Cuisenaire*, construindo de seguida a escada por ordem crescente e depois a escada por ordem decrescente. As crianças estiveram interessadas e participativas durante a atividade desenvolvida, e expressaram se gostaram ou não da atividade e porquê.

1.2.3. Relato de Estágio 3 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos

Observei a dinamização de uma atividade no dia 8 de janeiro de 2021, onde foram desenvolvidas temáticas como: a comunicação oral, consciência linguística e conceitos matemáticos, que segundo as OCEPE (Silva, et al., 2016), inserem-se na Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita como domínio principal abordado, e tendo como domínio secundário o Domínio da Matemática.

A educadora começou a atividade por sentar as crianças no chão em forma de “U”. Alguns autores declaram que é fundamental a disposição da sala para que possa contribuir para uma aprendizagem significativa das crianças. Rigolet (2009) afirma que é importante que o educador faça a gestão do “espaço, significa, dispor as crianças em determinados lugares que lhes destina” (p.114), não deve fazê-lo sempre mas intervir sempre que for necessário, e neste caso para que possam usufruir de um momento de leitura partilhada.

A docente lembrou os elementos paratextuais como por exemplo a capa, a contracapa, a lombada e o título. As crianças neste ponto estão próximas da educadora, criando um ambiente mais acolhedor e mais familiar. Vários estudos demonstram que ler em voz alta é um incentivo diário para o contato com os livros, promove e estimula o desenvolvimento infantil. Como tal, devemos fazê-lo de forma a captar a atenção das crianças, através de inflexões de voz nas diferentes personagens, utilizar fantoches, pedir a cooperação das crianças para repetirem a mesma.

De acordo com Kirschner e Neelen (2020), as crianças pequenas devem aprender de forma explícita e sistemática, a identificar as letras e os sons das mesmas. Relatam também que para as crianças se tornarem leitores fluentes, os docentes e os encarregados de educação devem ler textos em voz alta. No que diz respeito à compreensão de conteúdos acerca da leitura, recomenda-se que estes leiam textos com temas ricos, mas diversificados. Pimentel (2017), afirma que a leitura em voz alta também estimula a imaginação das crianças, fornecendo-lhes informação e promovendo-lhes a reflexão sobre os acontecimentos.

A história contada foi *10 patinhos de borracha* de Eric Carle. A educadora tinha o livro impresso em tamanho A3 e plastificado, para que as crianças observassem bem as ilustrações da história. As crianças com 4 anos não sabem ler as palavras, e por essa razão é importante a visualização das ilustrações do livro.

A educadora começou por colocar 10 patinhos pequenos feitos de borracha no centro do “U” mas afastados uns dos outros, e ao lado de cada pato escreveu no chão, com giz, o numeral ordinal correspondente (1.º até 10.º). O sentido do numeral ordinal deve “compreender que a sequência numérica está organizada de acordo com uma ordem, em que cada número ocupa um lugar bem definido, que não pode ser alterado e que nos pode dar indicações em relação a uma determinada seriação” (Castro & Rodrigues, 2009, p.19).

Em seguida, conforme ia contado a história, iam surgindo mais animais para além das 10 personagens principais. A educadora escolheu uma criança aleatoriamente para imitar esse animal, ficando próximo do patinho que tivesse o numeral ordinal mencionado na história. De acordo com as OCEPE (Silva, et al., 2016), o subdomínio do jogo dramático/teatro, afirma serem “abordadas formas de expressão e comunicação em que através do gesto, da palavra, do movimento do corpo, da expressão facial e da mobilização de objetos, a criança representa situações reais ou imaginárias que são significativas” (p.51).

No final da história a docente pediu a uma criança que juntasse novamente os patinhos feitos de borracha porque foi assim que eles começaram no início da história e no final voltaram-se a juntar de novo. A atividade foi sintetizada conversando com as crianças, tentando perceber se elas tinham compreendido a história que tinha sido contada.

Em suma realço que o gosto pela leitura é transmitido em casa, mas também no ambiente escolar, sendo a postura e a atitude da docente importantíssima na partilha de momentos acerca da leitura (Pimentel, 2017).

1.2.4. Relato de Estágio 4 – Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos

Esta atividade foi implementada na faixa etária dos 5 anos, no dia 3 de maio de 2021. A educadora da sala abordou a temática do inseto, a joaninha. De acordo com as OCEPE (Silva, et al., 2016), este tema pertence à Área do Conhecimento do Mundo, tendo a componente da Abordagem às Ciências, um tópico das abordagens a promover diz que a criança deve “compreender e identificar características distintivas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas” (p.95).

A docente começou a atividade por distribuir uma joaninha feita de feltro, em tamanho A5, pelas crianças (Figura 3). O objeto tinha debaixo das suas asas um envelope e virando a joaninha ao contrário tinha um velcro, tinha também em cima da mesa uma caixa pequena com pompons pretos (para criar o efeito das pintas), bem como letras móveis dentro de um saco pequeno. O envelope continha letras móveis com velcro para formar a palavra *joaninha*.



Figura 3 - A joaninha com envelope por debaixo das asas

Na perspetiva de Dyson e Genishi (2002), as crianças são construtoras/ inventoras dos seus próprios ensinamentos do mundo, evoluindo gradualmente. Os mesmos autores afirmam estar subjacente o objetivo do currículo ao nível da língua “ajudar as crianças a dominarem o uso da língua falada e da língua escrita para atingirem uma diversidade de objetivos num leque variado de situações” (p. 267).

Fernandes (1979, como citado em Silva, 2017) refere que as crianças aprendem melhor quando aprendem a fazer, ou seja, “encontra o locus apropriado para colher os saberes específicos com que aprende a fazer à sua maneira as coisas que os adultos fazem de outra no quotidiano do mundo em que se insere” (p. 23).

A educadora pediu às crianças que retirassem as letras móveis com velcro do envelope e foi desconstruindo a palavra que uma criança disse que era para escrever: “joaninha”. A partir daí, a educadora através dos sons, pontos de articulação e mnemónicas foi construindo

a palavra com as crianças. Ruivo (2014) afirma a importância de estratégias diversificadas para desenvolver a consciência fonológica, como através de “letras móveis, a formação de palavras iniciadas por um determinado fonema ou sílaba são completamente compatíveis com a aplicação do Método João de Deus” (p. 49).

As crianças dispunham do material para que pudessem manipular as letras livremente, descobrindo o seu sentido e foi eleita uma criança para escrever a palavra no quadro ao mesmo tempo com letras móveis de grande dimensão.

Em seguida, as crianças tinham de colocar as pintas na joaninha de acordo com a quantidade de vezes que a educadora tocava na pandeireta, assim como o numeral correspondente ao número de pintas. Seguidamente, tocou novamente a pandeireta e as crianças tiveram de adicionar as pintas, colocando outro numeral, fazendo a representação da adição. Cada asa representava uma parcela da adição. Esta representação foi feita individualmente e em simultâneo no quadro de giz. Pinto e Canavarro (2012) afirmam que as representações apoiam a melhor compreensão das situações problemáticas, fazendo com que haja uma melhor interpretação em relação aos dados apresentados.

O grupo foi sentar-se no tapete para estar mais próximo da educadora e observar as imagens que a mesma tinha, em tamanho A3, sobre as fases de vida da joaninha. Após esta ter falado das fases da vida da joaninha, sintetizou desta forma a atividade, oferecendo às crianças um suporte em papel circular, que estava fixo no meio por um atache, permitindo que rodasse e observassem todas as fases de vida da joaninha que tinham sido faladas anteriormente (Figura 4).



Figura 4 - Fases de vida da joaninha

A atividade terminou com as crianças no exterior, fazendo um pequeno jogo com elas que se chamava *as joaninhas*. Este consistia em colocar as crianças numa roda com as mãos dadas e colocando no interior da mesma algumas crianças, por exemplo: 5 crianças que ficavam no interior da roda. As crianças que formavam a roda combinavam um número e cantavam em voz audível uma canção, até chegar ao número combinado. As restantes crianças, andam/correm no exterior e interior da roda. Quando o número combinado era dito, as crianças que estavam na roda, baixavam as mãos ao mesmo tempo. A finalidade do jogo era conseguir sair do interior da roda. Paredes (2021) afirma a importância de atividades no

exterior dizendo que a “vantagem mais óbvia das aulas no exterior é a motivação” (p. 102), afirma também que “toda a ação educativa tem de ser vista como um todo, tudo influencia a aprendizagem: as relações que se estabelecem, os exercícios que se escolhem, as atividades que se propõem, a forma como comunicamos, etc” (p. 104).

Esta atividade foi bem sucedida pois o grupo envolveu-se de forma entusiástica.

1.2.5. Relato de Estágio 5 – Domínio de Matemática – 5 anos

No dia 7 de junho de 2021 implementei uma atividade referente aos Santos Populares, esta está inserida no Domínio da Matemática.

A atividade teve início com uma música de fundo alusiva aos Santos Populares e com a sala enfeitada de manjericos de papel pendurados por um fio. As crianças ao entrarem na sala ficaram curiosas, pois não perceberam o que estava a suceder, mas depois de se ter falado da temática dos Santos Populares começaram logo a surgir ideias, inclusive a fazerem partilhas de momentos da sua vida pessoal.

Decidi utilizar o material matemático estruturado intitulado de Calculadores Multibásicos. Os Calculadores Multibásicos são um material matemático estruturado que é composto por placas, e essas têm cinco orifícios, onde são colocadas as peças de cores diferentes. Uma das regras deste material é o facto de termos de colocar peças de uma só cor em cada orifício. Em relação à minha atividade não é obrigatório, pois essa regra não se aplica à divisão. A ordem zero representa as unidades, a ordem um representa as dezenas, a ordem três as centenas, e por assim adiante.

O material manipulável estruturado tem como fim manter as crianças ativas, questionando e imaginando, ou seja, fazendo o que a sua natureza manda. Damas et. al. (2010) dizem que é importante a utilização de materiais manipuláveis estruturados pois estes são “suportes de aprendizagens que permitem envolver os alunos numa construção sólida e gradual das bases matemáticas” (p. 5).

Desde cedo que devemos colocar desafios às crianças, e neste caso, decidi criar algumas situações problemáticas com o tema inserido no quotidiano das mesmas. As OCEPE (Silva, et al., 2016) dizem que o educador deve “proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras” (p. 74).

Para estas situações problemáticas, utilizei temas dos Santos Populares, como por exemplo: a venda de sardinhas, os manjericos, mas também as turmas do quarto ano, que nesta altura do ano têm uma banca de venda para angariar fundos para a viagem de finalistas.

As crianças fizeram as representações nos Calculadores Multibásicos e realizaram a sua divisão, utilizando material não estruturado, com as imagens de sardinhas, manjericos, crianças, e algarismos móveis para fazer a indicação da operação.

Terminei a atividade a cantar e a dançar com o grupo de crianças a canção *São João Bonito*. Cordeiro (2015) diz que a música vai estar sempre presente pois ela é “um dos maiores factores protetores, um guarda-chuva para as grandes tempestades da contrariedade e da frustração, um agente libertador para os momentos de alegria e satisfação” (p.418). Este momento permitiu que as crianças desfrutassem da melodia da música popular e o convívio entre pares.

De acordo com as OCEPE (Silva, et al., 2016), no Domínio da Educação Artística, em específico no Subdomínio da Música, não é apenas pura diversão para ouvir o som de fundo, mas trabalha “as letras das canções relaciona a Música com o desenvolvimento da linguagem, o que passa por compreender o sentido do que se diz, tirar partido das rimas para discriminar os sons, explorar o carácter lúdico das palavras” (p. 55).

A dança, também incluída nesta fase final, é uma forma mágica de expressão com propósitos de comunicação através do nosso corpo. As OCEPE (Silva, et al., 2016) afirmam a importância da dança através “não só o desenvolvimento da criatividade, como também a aprendizagem cooperada, a partilha, o respeito pelas ideias, o espaço e o tempo do outro, e ainda, a consciência de pertença ao grupo” (p. 57).

Durante esta atividade o grupo mostrou-se concentrado e entusiasmado.

1.2.6. Relato de Estágio 6 – Disciplina de Português – 1.º ano

Passo a relatar uma aula lecionada pela minha colega de estágio que observei no dia 12 de novembro numa turma do 1.º ano. A aula foi de Português, tendo como conteúdo o singular e plural e tendo sido realizada interdisciplinaridade com o Domínio da Educação Artística, tal como Pombo, Guimarães e Levy (2004) enumeram as bases principais para que a interdisciplinaridade seja bem sucedida “especialização e fragmentação do conhecimento científico” (...), “concorrência dos novos meios de comunicação e informação” (...) e a “tecnociência e o homem comum” (...) (p. 14).

Os alunos visualizaram uma curta metragem de desenhos animados, cujas personagens não falavam, podendo apenas observarem a sua linguagem corporal e ouvirem a música de fundo da mesma. Na curta metragem existia um avião, tendo sido recriado esse meio de transporte em ponto pequeno, de forma a que os alunos o passassem de mão em mão, manifestando sentimentos depois do que tinham observado. Damásio (2010, como citado em Martins & Pedrosa, 2018) afirma haver confusão entre emoção e sentimento, afirmando que “as emoções são experiências físicas” como por exemplo chorar, rir, correr,

enquanto “os sentimentos são o modo como o nosso cérebro interpreta essas emoções (...) são experiências mentais” (p. 177).

A estagiária tinha escondida uma caixa de cartão enfeitada, que de um lado era uma mala de viagem e do lado contrário (no interior) tinha num encaixe pequeno uns pauzinhos de espetadas que tinham no topo colado uma estrela, como se observa na imagem (Figura 5).



Figura 5 - Caixa de cartão com estrelas de palavras

Cada estrela tinha escrita uma palavra diferente das restantes. O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (ME, 2017) diz que é importante trabalhar o imaginário através de competências associadas aos pensamentos críticos e criativos através do desenvolvimento de “novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicando-as a diferentes contextos e áreas de aprendizagem” (p. 24).

A atividade tinha como objetivo que cada criança retirasse uma estrela e lesse a palavra nela escrita. Existiam várias palavras no singular e o respetivo plural, de acordo com as Aprendizagens Essenciais (AE) (Direção Geral da Educação [DGE], 2018e) de Português, referente ao 1.º ano do Ensino Básico, recomendam que na gramática se aborde a temática do singular e plural: “Usar regras de flexão em número, com base na descoberta de regularidades do funcionamento do nome e do adjetivo” (p.10). O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (ME, 2017) diz que é importante trabalhar o imaginário através de competências associadas aos pensamentos críticos e criativos através do desenvolvimento de “novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicando-as a diferentes contextos e áreas de aprendizagem” (p.24).

Em seguida, os alunos leram a sua palavra em voz alta para a turma, tentando encontrar o par da sua palavra, (por exemplo: menino/meninos) descobrindo o singular e plural das palavras. Fontes e Freixo (2004) apresentam a ideia de que a aprendizagem cooperativa é uma metodologia que permite a consciência de aspetos na educação como: um objetivo em

comum, empenho por cada elemento do grupo de forma individual para o bom resultado no grupo e valorização do empenho do grupo.

Após cada aluno ter lido a palavra e encontrado o seu par, organizaram as palavras. Do lado direito da caixa de papel decorada tinha uma placa pequena onde tinha como título “Singular”, e do lado esquerdo “Plural”, assim os alunos após a descoberta do par tinham de localizá-la no singular ou plural, colocando-a no lado correspondente do título.

No final da aula, a minha colega fez a dobragem do avião de papel em tamanho A4 e escreveram uma palavra no mesmo, de acordo com Barbosa e Vale (2018), “as dobragens poderão constituir uma estratégia dinâmica, criativa e apelativa” (p.85), não sendo apenas uma estratégia, mas trabalhando a motricidade fina dos mesmos. Serrano e Luque (2015) afirmam que a motricidade fina é importante para “o desempenho das tarefas que a criança realiza diariamente” (p.20), pois sem estas a mesma fica com “desempenho diminuído, afetando a autoestima e a aprendizagem escolar”. No desfecho da aula, os alunos foram lançar os seus aviões de papel para o recreio, dizendo em voz alta a palavra que tinham escrito.

As estratégias que foram implementadas foram fundamentais para a participação dos alunos.

1.2.7. Relato de Estágio 7 – Domínio da Educação Artística: Expressão Dramática/Teatro – 1.º ano

A aula observada decorreu no dia 29 de outubro, numa turma do 1.º ano, no qual se comemorou na escola o Dia das Bruxas. De acordo com as Aprendizagens Essenciais [AE] (Direção Geral de Educação [DGE], 2018d) para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, sobre Expressão Dramática/Teatro, esta disciplina tem como principal objetivo proporcionar aos alunos o desenvolvimento da área artística e assim conferir “uma prática sistemática e contínua, numa perspetiva de complexificação e gradual progressão de etapas, de modo a promover um desenvolvimento consciente e sustentado das capacidades e conhecimentos, individuais e coletivos” (p. 1).

A aula foi realizada pela professora de Expressão Dramática, que desafiou os alunos a fazerem uma pequena dramatização, utilizando um material não estruturado, elaborado por mim e pela minha colega de estágio. Esse material consistia num pequeno “fantasma” que

era apenas um chupa-chupa decorado com papel crepe branco, preso com um elástico fino preto, onde estavam desenhados os olhos e boca do respetivo fantasma. (Figura 6)



Figura 6 - Fantasma do Dia das Bruxas

De acordo com as AE (2018d) de Expressão Dramática/Teatro afirma que as crianças através do domínio da experimentação e criação devem “transformar objetos, experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas; construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios” (p.8).

Wood (1997, como citado em Bastos, 2006) afirma que o teatro para crianças é “valioso na medida em que abre porta às crianças para um mundo novo de entusiasmo e imaginação” (p.28). Existem várias categorias no teatro infantil, destacando o teatro escrito e representado por crianças.

A professora solicitou às crianças que se juntassem a pares, e falassem um pouco do que queriam dramatizar pois a etapa seguinte seria, durante um minuto dramatizarem um diálogo entre os 2 fantasmas. As mesmas fizeram-no refletindo cenários do seu dia a dia e do dia a dia dos adultos, como por exemplo: comer um gelado; ir ao multibanco para levantar dinheiro; andar de carro; ir à piscina; ir à escola; ir à praia.

Sampaio (2018) afirma que estas atividades:

necessitam de vários elementos, aliando as suas ações, a fim de alcançar um objetivo comum, contribuindo para o processo de socialização. De uma forma progressiva, a criança interioriza o mundo que a rodeia, interage com o grupo, fazendo- a sair do seu egocentrismo. (p.88)

A atividade foi desenvolvida em grupos de dois elementos, sendo importante salientar a importância do trabalho de equipa, pois trabalhar em conjunto é por vezes uma função complexa. Trindade (2002) afirma a importância do trabalho em grupo pois promove a aprendizagem cooperativa e não valoriza a aprendizagem individual pelo facto da sua

avaliação “ser feita com base nos produtos que o grupo construiu e não pelo somatório dos resultados individuais” (p.43).

Após todos os pares terem elaborado a dramatização, a professora perguntou como se tinham sentido depois desse momento ou o que destacavam de pertinente para o momento. A temática das emoções é algo que tenho observado a ser desenvolvido com regularidade, sendo importante as crianças não se retraírem quanto aos seus sentimentos, gostos e vontades. Os alunos manifestaram respostas como: “fico feliz”, “fico contente”, “fiz um novo amigo”; “conheci novas brincadeiras”.

Cordeiro (2015) afirma que o teatro é importante, mas muitas crianças têm “dificuldades em lidar com os sentimentos, angústias e medos, são tímidos e desenvolvem pouca a sua inteligência emocional, carecendo assim de factores fundamentais para a luta, «luta do dia-a-dia»” (p.422), isto é, os saberes são adquiridos através da perspicácia entre a inteligência racional e emocional.

No final da aula surgiu a oportunidade de se falar no que é um ventríloquo pois a maioria da turma desconhecia o que era. A aula terminou com a visualização de um vídeo, de uma menina inglesa que ganhou o *Got Talent*, recorrendo a um ventríloquo, para observar o momento, a professora explicou que é uma arte de falar sem mover os lábios ou a boca, levando a pessoa a pensar que a voz não vem de quem fala.

Sampaio (2018) descreve a importância do professor dramático pois este “assume um papel primordial nesta área, pois tem a responsabilidade de proporcionar e implementar o jogo, ao mesmo tempo que representa para a criança um modelo” (p.87).

1.2.8. Relato de Estágio 8 – Disciplina de Matemática – 3.º ano

O relato de estágio que vou descrever foi realizado no dia 6 de junho de 2022, implementada pela minha colega de estágio, esta diz respeito à Disciplina de Matemática.

A aula consistia numa gincana matemática, que segundo o Dicionário Priberam designam gincana como “competição em que os participantes realizam provas e testam a sua destreza ou a sua perícia”. Segundo os Programas de Matemática para o Ensino Básico (Bivar, Grosso, Oliveira & Timóteo, 2013) no 1.º Ciclo, os alunos devem reter funções como a identificação (utilização da designação correta, reconhecer os diferentes objetos), entender (utilizar a designação certa e generalizar), reconhecer (de forma intuitiva a veracidade do enunciado) e saber (reconhecer o resultado, sem justificação). O adulto serve-se dos materiais como instrumentos para motivar os alunos durante as atividades que se pretendem ricas e estimulantes, num processo de manipulação-ação e seguidamente de representação.

Estes desafios matemáticos foram realizados em grupos de 6 elementos, e consistia numa gincana matemática, tendo desafios sobre o *tangram* (Figura 7), *geoplano* (Figura 8), *pentaminós* (Figura 9) e raciocínio lógico (Figura 10). Nesta aula foram utilizados quatro recursos, dos quais três são materiais matemáticos estruturados. O primeiro que irei abordar é o Tangram. Este material é constituído por sete peças (figuras geométricas), sendo composto por dois triângulos pequenos, um triângulo médio, dois triângulos grandes, um quadrado e um paralelogramo e todas juntas compõem um quadrado. Uma das regras deste material é a utilização de todas as peças. Nesta gincana de Tangram, o objetivo era observar um cartão com a construção toda de preto para replicar a construção da figura com o material em cima da mesa. Caldeira (2009b) afirma que através da utilização deste material podemos abranger conceitos como:



Figura 7 -Gincana do Tangram

- Identificar, comparar, descrever classificar, desenhar;
- Comparar e ordenar áreas/medir e adicionar áreas;
- Comparar, ordenar e adicionar amplitudes de ângulos;
- Estudar figuras semelhantes;
- Compor e decompor diferentes tipos de polígonos;
- Estudar polígonos equivalentes;
- Comparar e ordenar perímetros;
- Analisar diferentes formas geométricas (pp.398-399).

O Geoplano é constituído por um tabuleiro com “pregos”/saliências que estão afixados à mesma distância um dos outros, de modo a que se possam prender elásticos. Nesta gincana, existiam cartões com imagens para as crianças fazerem as suas representações no material, bem como indicações para construir algo que não estavam a ver (Figura 8). Alsina (2004) realça a importância deste material dizendo algumas utilidades do mesmo como estudar as propriedades das figuras, relação entre elas, simetrias, perímetros e áreas.



Figura 8 - Gincana do Geoplano

O Pentaminó segundo Damas et al., é um conjunto de “cinco quadrados (monominós), apenas se poderá construir doze elementos” (2010, p.120). Esta fase foi parecida à gincana do Tangram, pois consistia em observar uma figura preta (Figura 9) e representá-la com o material em cima da mesa.

Por fim, a gincana do raciocínio lógico, consistia em alguns problemas que necessitavam de utilizar a lógica para os resolver. De acordo com o Programa e Metas Curriculares de Matemática (Bivar, Grosso, Oliveira & Timóteo, 2013) “os alunos devem ser capazes de estabelecer conjeturas, em alguns casos, após a análise de um conjunto de

situações particulares” (p.4), isto é, os alunos tendencialmente respondem de forma intuitiva, mas não pode ser aceite a ideia.



Figura 9 - Gincana do Pentaminó



Figura 10 - Gincana do Raciocínio Lógico

Considero que esta aula foi concluída com sucesso, permitindo que os alunos explorassem os materiais, construindo a sua aprendizagem.

1.2.9. Relato de estágio 9 – Disciplina de Estudo do Meio – 3.º ano

O presente relato de estágio refere-se a uma aula de Estudo do Meio que decorreu em dois dias distintos. A temática desta aula de Estudo do Meio foram os animais, e vou descrever o que observei nas duas turmas do 3.º ano. A primeira aula ocorreu no dia 29 de abril e a segunda no dia 6 de maio.

Nas AE (2018a), na Disciplina do Estudo do Meio do 3.º ano, abrange o tema dos animais no Domínio da Natureza, a temática abordada nas duas turmas. Neste caso foram abordados temas como a classificação dos animais, quais as suas características, qual a sua alimentação, como se comportam no seu habitat, entre outros. Nestes dias, os alunos puderam levar os seus animais de estimação, com autorização da escola bem como das famílias, para se darem a conhecer a cada uma das turmas. Das várias turmas foram levados animais como: cão, arara, hamster, porquinho da índia, cágado e peixe.

Nesta aula tinha sido pedido previamente aos alunos para levarem os seus animais de estimação, mas caso não pudessem ou não tivessem confiança para os levar, nesse dia pediram para levar a fotografia impressa do mesmo. Apenas uma minoria levou os seus animais para a escola, pois não queríamos ter o animal preso numa gaiola por muito tempo, claro que dependente do porte do mesmo.

De forma individual, cada aluno foi para a parte da frente da sala, levando o seu animal ou o retrato do mesmo e fez uma pequena apresentação oral à turma. A apresentação oral é uma competência que exige saberes linguísticos e sociais, onde deduzem que haja uma atitude cooperativa na sua interação com o público. As AE (2018c) afirmam que os alunos do 3.º ano de escolaridade devem desenvolver o Português relativamente à oralidade:

“competência da oralidade (compreensão e expressão) com vista a interagir com adequação ao contexto e a diversas finalidades (nomeadamente, expor conhecimentos, apresentar narrações, discutir com base em pontos de vista)” (p.3). Nas apresentações orais devemos ter em conta aspetos como a articulação das palavras, a entoação e o ritmo que são incutidos na mesma.

Dando um exemplo: uma menina levou o seu *hamster*, dizendo que se chamava Marshmallow, tinha 2 anos e era muito irrequieto. Em seguida classificou o animal, o qual pertencia à classe dos mamíferos e que era o roedor. Identificou quais são as características pertencentes a esta subclasse: classe dos mamíferos; corpo coberto de pêlo; tem endosqueleto com coluna vertebral; tem quatro membros; o animal pertencente ao género feminino tem glândulas mamárias, ou seja, produzem leite para alimentar o recém-nascido.

Relativamente à sua alimentação, como mostra a figura 11, é omnívoro, ou seja, a sua alimentação é baseada em sementes, grãos, plantas e insetos. Estes animais têm tendência em acumular e armazenar alimento nas bochechas para poderem comer mais tarde.



Figura 11 - Hamster “Marshmallow”

Uma das características dos hamsters é dormirem ao longo do dia, e serem muito ativos durante a noite. Como tal, esta aluna tem uma gaiola grande, com vários patamares, que inclui uma roda de rolamento e um túnel. Para além dos adornos e para o bem estar do animal, existe um comedouro e um bebedouro para que este se possa alimentar à medida das suas necessidades.

Existem pessoas que têm animais de estimação, e que os consideram parte integrante da família e por essa razão há benefícios dos mesmos terem uma relação com as crianças. É um benefício para as crianças terem um animal de estimação pois torna-as mais afetivas, logo vai promover boas atitudes, respeitando os restantes animais e a natureza. Lisboa (s.d.) afirma existirem vantagens entre a relação animal e criança pois esta contribuiu para uma “melhoria da autoestima, o equilíbrio emocional, o desenvolvimento do sentido de responsabilidade e muito mais” (s.p.).

1.2.10. Relato de estágio 10 – Disciplina de Português – 4.º ano

O relato que descrevo em seguida, diz respeito a uma aula dinamizada por mim no dia 4 de abril, numa turma do 4.º ano sobre a disciplina de Português.

Comecei por pedir a um aluno que distribuísse a proposta de trabalho pela turma. O excerto do texto que iríamos trabalhar é de Alexandre Honrado (2010), retirado do livro *História dentro de uma garrada*. Fiz a leitura modelo do mesmo, com um tom de voz audível e realizando inflexões de voz. Estes componentes na leitura são pertinentes, conseguindo captar a atenção, cativando-as e fazendo com que entendam a história com mais facilidade. Segundo Cury (2004) “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que mude de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reacções capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (p.94).

Em seguida, de forma aleatória pedi que cada aluno lesse uma parte do excerto do texto em voz alta. Leite (2013) alega importância à mesma pois “se o adulto fizer uma leitura sentida e expressiva, a criança interiorizará a ideia de que ler um texto em voz alta pressupõe a preocupação do leitor em conferir vivacidade ao texto” (p.3).

Após a leitura do excerto questionei de forma dirigida alguns alunos sobre qual era a emoção/ o sentimento que sentiam após a leitura. A maioria respondeu “surpresa” e “curiosidade”, outros ainda disseram “medo”. Medeiro e Cortez (2018) afirmam que as emoções “estão na base do nosso desenvolvimento enquanto seres e da nossa capacidade de construir relações sociais” e como tal o docente deve estar atento de forma a “estar atento às emoções dos outros para que consiga mediar os conflitos” (p.83).

Decidi fazer a interpretação do excerto de forma oral, abordando a Taxonomia de Barret, elaborando perguntas literais, inferenciais, organização e classificação, apreciação e avaliação crítica.

Em seguida, os alunos responderam às questões propostas na ficha de trabalho, finalizando a mesma com um exercício de gramática. O exercício gramatical tinha uma frase, onde os alunos deviam fazer a classificação sintática. O objetivo de exercitar a gramática no 1.º Ciclo é que os alunos de forma gradual possam conhecer as regras e os seus processos. O Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015) afirmam a importância do conhecimento gramatical adequado e de forma progressiva que “domine regras e processos gramaticais, usando-os adequadamente nas diversas situações da Oralidade, da Leitura e da Escrita” (p.8).

Pretende-se, então que os alunos saibam usar o conhecimento gramatical adequadamente nas diversas situações da oralidade, da leitura e da escrita. No Programa de Português refere-se ainda que “o ensino dos conteúdos gramaticais deve ser realizado em estreita sintonia com atividades inerentes à consecução dos objetivos dos restantes domínios”

(Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015, p.8).

De forma progressiva, é esperado que, de ciclo para ciclo, a consciência metalinguística dos alunos se desenvolva, de forma progressiva, de modo a alcançar um conhecimento reflexivo da língua materna. Entende-se, portanto, que a análise e reflexão sobre a língua se assumem como aspetos fundamentais para desenvolver a consciência linguística dos alunos, de modo a transformar o seu conhecimento implícito sobre a língua num conhecimento explícito.

Terminei a aula, entregando uma rolha de cortiça e explicando o seu propósito. Os alunos, após terem recebido a sua rolha de cortiça, teriam de escrever com letra pequena, e com a ajuda de uma lupa, um desejo que gostariam que se realizasse até ao final do ano. Depois, colocaram-no no pote dos desejos (figura 12 e 13), criado por mim, que só será aberto no final do ano, e cada aluno terá a oportunidade ou não de partilhá-lo com a turma.



Figura 12 - Pote dos desejos



Figura 13 - Pote dos desejos dos alunos do 4.º ano

Capítulo 2 – Planificações

2.1. Síntese do capítulo

O presente capítulo abordará as planificações com registos de vários autores que o comprovam. Em primeiro lugar irei apresentar as planificações e em seguida o enquadramento teórico e fundamentado das mesmas.

Apresentarei oito planificações de atividades/aulas, direcionadas para a Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Quatro dessas planificações destinaram-se a um grupo de 3 anos, um grupo de 4 anos e duas a um grupo de 5 anos. As restantes foram implementadas numa turma do 1.º ano, uma do 2.º ano, uma do 3.º ano e outra do 4.º ano.

2.2. Fundamentação teórica

A planificação é “o conjunto de atividades pelas quais cada docente prevê, seleciona e organiza elementos para cada situação de aprendizagem, com a finalidade de criar e organizar os elementos para cada situação de aprendizagem, com a finalidade de criar as melhores condições para alcançar as competências propostas”. (Moitas, 2013, p. 27)

As planificações e a tomada de decisão das mesmas fazem com que o ensino seja um processo elaborado onde exige a compreensão e competências específicas, pois estas referidas por fim constituem alicerces sobre os quais irá desenvolver a capacidade de planificar (Arends, 1995). O mesmo autor, afirma que “a planificação do professor é principalmente determinante aquilo que é o ensino das escolas” (p.44). O autor supracitado afirma, que “os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação”. (p.59)

Para um docente é imprescindível delimitar todos os objetivos relativamente ao seu trabalho com os alunos, como também as suas estratégias para a planificação e os recursos utilizados na mesma. É crucial elaborar planificações.

Zabalza (1992) afirma que planificar é:

um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo.” (p.48).

As planificações de uma unidade de ensino servem para guiar o professor e os alunos durante esse período sobre um determinado assunto. Esta decisão vai levar ao encontro das

questões-chave do mesmo, onde devem conter respostas como “selecionar os objetivos de aprendizagem; selecionar as atividades de ensino e de aprendizagem e os métodos ou estratégias para atingir os objetivos; selecionar os métodos/estratégias de avaliação para monitorizar a aprendizagem; prever atividades de remediação da aprendizagem” (Silva & Lopes, 2018, p.4)

Clark e Yinger (1979, como citado em Zabalza, 1992) questionaram alguns professores o porquê de planejarem e com as respostas obtidas dividiram-nas em três categorias:

os que planejavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc; os que chamavam planificação à determinação dos objetivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.; os que chamavam planificações às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcam de referência para avaliação, etc. (p.48).

Relativamente às estratégias, em concordância com Silva e Lopes (2018), afirmam que não existe estratégias/métodos infalíveis que se apliquem em qualquer circunstância no ensino. Cada professor possui diferentes métodos/estratégias que “possibilita diferentes tipos de aprendizagem, quer no que respeita ao que se aprende, quer ao modo como se aprende” (p.53). Os mesmos autores referem que as escolhas das estratégias do ensino devem depender das “características dos alunos, objetivos, assunto e tipo de aprendizagem, tipos de conhecimento, tempo disponível, condições físicas e experiência didática do professor” (p.54).

Em síntese, a planificação assume um lugar de destaque no ensino, pois é uma referência para professores e educadores, definindo um conjunto de conteúdos, objetivos e estratégias, com o objetivo de contribuírem para o desenvolvimento integral da criança/aluno.

2.3. Planificações em quadro

2.3.1. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo – 3 anos

O presente quadro (Quadro 2) inclui uma planificação realizada com um grupo de 3 anos, sobre a temática da higiene. Esta atividade foi concretizada no final da manhã de forma a sensibilizar os mesmos para a higiene pessoal. Os conteúdos abordados na mesma estão inseridos nas OCEPE (Silva, et al., 2016), fazendo parte da Área do Conhecimento do Mundo.

Quadro 2 – Planificação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo – 3 anos

PLANO DE ATIVIDADE			
Orientadora: B			
Faixa etária: 3 anos			
Área do Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
40 minutos	Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança (Higiene)	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimentar as crianças; • Rever as regras da sala; • Contar uma história <i>Time for a bath</i> de Phillis Gershator, com auxílio das imagens em <i>PowerPoint</i>; • Mostrar materiais alusivos ao banho; • Rever os pontos importantes da história relembrando os dias da semana; • Ensinar como se diz banho em inglês; • Questionar as crianças sobre o que sabem sobre a higiene; • Perguntar exemplos de rotinas de higiene; • Falar de cuidados que devemos ter neste momento em relação à situação pandémica - Covid19; • Realizar a experiência com água, pimenta e detergente; • Exemplificar como lavar as mãos de forma correta (através dos movimentos); • Sintetizar a atividade ensinando às crianças a canção <i>This is the way</i> (cantar e fazer gestos). 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador; • Colunas; • Projetor; • História <i>Time for a bath</i> de Phillis Gershator; • Música <i>This Is The Way</i>; • Bata branca; • Óculos de cientista; • Recipiente; • Água; • Pimenta; • Detergente; • Papel de cozinha.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.

A história escolhida por mim chama-se *Time for a Bath*, do autor Phillis Gershator, sendo a mesma original em inglês. Foi traduzida por mim para português e serviu como fio condutor para a temática dos hábitos de higiene que devemos ter, como por exemplo: tomar banho, limpar o nariz e os ouvidos, cortar as unhas e o cabelo, lavar as mãos e utilizar utensílios apropriados para cada uma das situações.

Ribolet (2009) afirma que a leitura pode “ser um meio de interpretar a experiência humana, definir o que somos e o que poderíamos ser, de considerar novas possibilidades e de encarar vias inéditas” (p.157). Para além dos hábitos de higiene a serem realizados, também devemos ter a noção dos objetos adequados para essa mesma higiene. Estes bons hábitos de higiene foram referidos a seguir à história, pelas crianças e em seguida por mim, para completar a ideia principal.

Nesta atividade, pretendi apelar para os bons hábitos de higiene, demonstrando através de uma experiência que devemos lavar bem o nosso corpo, em particular as mãos, com frequência, principalmente na situação pandémica que estamos a atravessar da Covid19.

Na história, a sequência das ações de higiene, era a sequência semanal, e por essa razão achei pertinente falar com as mesmas sobre os dias da semana, as OCEPE (Silva, *et al*, 2016) afirma que as crianças devem ter aprendizagens de forma a utilizar termos como dia, noite, manhã, tarde, semana, mês, nas suas narrativas” (p.89).

De seguida, realizámos uma atividade experimental com materiais como: água, pimenta e detergente da loiça. Colocámos a água num recipiente e em seguida a pimenta à superfície da água, sem mexer. A criança colocou o seu dedo indicador na água, e quando retirou o dedo, observou que a pimenta estava agarrada ao seu dedo. O mesmo não aconteceu com o detergente, pois a criança colocou um pouco de detergente no dedo e esfregou, e quando voltou a colocá-lo na água, observou que a pimenta se afastava do dedo, esta observação permitiu que as crianças concluam que estão “protegidas” com a utilização do detergente.

Segundo Cordeiro (2015) a atitude de lavar as mãos é reconhecida como “um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças” (p.105), havendo bactérias que residem e por essa razão é importante a lavagem das mãos com água e sabão.

A DGS (2021b) afirma que a higiene das mãos é feita de forma regular, sempre que se justifique ao longo do dia; cuidada, esta deve ser feita durante pelo menos 20 segundos, de forma a chegar a todas as superfícies da mão; evitar a utilização acessórios; e a lavagem das mãos deve ser feita com água e sabão, mas caso não tenhamos acesso ao mesmo, devemos utilizar desinfetante.

A canção eleita, *This is the way*, é uma canção que fala sobre as rotinas de higiene, como lavar a cara, pentear o cabelo e lavar os dentes. A língua estrangeira quando é ensinada desde cedo, a criança apreende com melhor facilidade. E não só, tem como objetivo incentivar a criança na aquisição de competências básicas na área da comunicação, socialização, criatividade e pensamento crítico. A aprendizagem de uma nova língua, que não a materna, tem inúmeras vantagens no que diz respeito a crianças. A Comissão Europeia (s.d.) nomeia a prioridade do Pré-Escolar aprender novas línguas, é através da nova aprendizagem sobre “as línguas unem as pessoas, dão acesso a outros países e culturas e reforçam a compreensão intercultural”.

Com a realização desta atividade, pretendi apelar junto das crianças para os hábitos de higiene, pois este tema deve ser desenvolvido desde tenra idade. Neste momento torna-se pertinente a sua abordagem devido à situação pandémica da COVID 19, centrando-se mais especificamente na lavagem das mãos.

Sá e Varela (2004) afirmam ser importante dar ênfase no desenvolvimento do conhecimento da criança e “na qualidade do pensamento reflexivo e, contexto social” (p.35), como também serem relevantes as atividades de sala de aula “genuínas, apelativas e significativas” (p.35).

No final da atividade, as crianças tiveram oportunidade de partilhar as suas vivências. Formosinho, Katz, McClellan e Lino (1996) apresentam a importância de o educador ajudar a criança a ter as primeiras relações importantes que estabelecem fora da comunidade familiar.

2.3.2. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo – 4 anos

O quadro 3, contém uma planificação realizada num grupo de crianças dos 4 anos, estando inserida na Área do Conhecimento do Mundo.

Quadro 3 – Planificação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo – 4 anos

PLANO DE ATIVIDADE			
Orientadora: B			
Faixa etária: 4 anos			
Área do Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
40 minutos	Identificar e distinguir vários materiais; Respeito pelo meio ambiente (Separação do lixo)	<ul style="list-style-type: none"> Saudar as crianças que estão nos respetivos lugares; Cantar e dançar a música <i>Mundo a Reciclar</i>; Perguntar às crianças qual o tema da atividade; Questionar as crianças sobre o que sabem sobre a separação do lixo; Explorar os ecopontos (Ex: Quais são os ecopontos que conheces? / O que colocamos no ecoponto amarelo?); Dividir silabicamente a palavra “ecoponto”; Pedir às crianças para procurarem e recolherem os materiais que estão escondidos e espalhados no salão, simulando que colocam luvas protetoras e óculos mágicos; Identificar os objetos encontrados e o colocá-los nos ecopontos corretos; Sintetizar a atividade retirando os materiais de cada ecoponto, pedindo para as crianças identificarem se foram bem separados ou não; Distribuir o cartão de Explorador, como certificado de participação. 	<ul style="list-style-type: none"> Ecopontos em cartão; Música <i>Mundo a Reciclar</i> do Planeta Limpo do Filipe Pinto; Computador; Colunas; Embalagens para separar o lixo; Fantoches de um boneco explorador criado por mim em goma eva; Cartões de Explorador.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.

Iniciei a atividade com a audição da música *Mundo a Reciclar* do cantor Filipe Pinto, possibilitando que as crianças cantassem e dançassem em simultâneo. É importante ter as conceções prévias acerca da temática para saber o que podemos explorar com as crianças.

Turner e Pais (1995, como citado em Silva & Lopes, 2018) dizem que para motivar as crianças/ os alunos, nas atividades/aulas devem “oferecer um desafio; permitir-lhes fazer escolhas; promover a colaboração” (p.62). Devemos ter em consideração estes aspetos quando delineamos as estratégias.

As OCEPE (Silva, et al., 2016) afirmam que existe uma ligação íntima entre a música e a dança. Costa (2016) expõe a ideia sobre a música ser “um meio natural de comunicação humana, um meio específico de expressão que não pode ser substituído por qualquer outro” (p. 7). Além de que é através da música que conseguimos identificar sentimentos que

pensávamos não existir, podendo alterar o nosso estado de espírito. Neste caso em específico, o objetivo era despertar o saber das mesmas, para atuar de forma positiva relativamente à separação do lixo, como diz na letra da música, existe muito lixo, mas o autor da canção ensina a separar, terminando o refrão “no mundo torto, és tu quem o vai endireitar”.

Depois questionei as crianças sobre as suas conceções em relação à separação do lixo e solicitei à participação delas numa atividade exploratória. A finalidade foi que as crianças procurassem os objetos que estavam escondidos no salão, e de seguida colocassem-nos dentro dos respetivos ecopontos.

As atividades práticas são bastante importantes para o desenvolvimento do pensamento da criança pois é feito o apelo à interação física entre a criança e o real. Pereira (2002) afirma que não é suficiente a manipulação dos objetos, mas a mesma deve “discutir com as crianças e com o professor que significados acorda ao que vê e experimenta” (p.84).

A reciclagem, de acordo com Alves e Caeiro (1998), é um método de valorização caracterizado pelo “aproveitamento dos materiais contidos nos resíduos, possibilitando o seu retorno ao ciclo produtivo o que origina uma poupança a nível de matérias-primas e de energia e ainda diminuição dos custos de eliminação em aterro” (p.210).

Explicar conceitos complexos às crianças, não é fácil, mas devemos abordá-los de forma a sensibilizá-los para a importância de separar o lixo e reciclá-lo, levando-os a tomarem boas decisões através do tema abordado. Este processo de separação de lixo inclui fases como a remoção, triagem, armazenamento, transporte e reprocessamento dos materiais.

Segundo as OCEPE (Silva, et al., 2016), a abordagem à Área do Conhecimento do Mundo e o sensibilizar para “promover o desenvolvimento de uma consciencialização do papel de cada um na prevenção do ambiente e dos recursos naturais” (p.90). A ideia que é transmitida às crianças sobre a separação do lixo, deve ter em consideração o que vamos transmitir e a segurança através desta atitude.

Pereira (2002) refere que as crianças mais pequenas, têm maior apetência para a exploração dos materiais, mas é preciso “alertar as crianças para que não provem ou cheirem nada sem primeiro falar com o professor” (p.184). Com base nas OCEPE (Silva, et al., 2016), existe a aprovação sobre a abordagem conduzindo à criação de hábitos de respeito pelo ambiente e assim, “vão compreendendo a sua posição e papel no mundo e como as suas ações podem provocar mudanças neste” (p.85).

A interdisciplinaridade permite estabelecer uma relação com diversos conteúdos, promovendo a aprendizagem. A interdisciplinaridade é considerada como uma estratégia de aprendizagem transversal, pois permite o cruzamento de conceitos de conteúdos, contribuindo para o desenvolvimento da mesma.

Segundo Pombo, Guimarães e Levy (2004), a relação entre as diversas áreas de conteúdo, conduz a uma integração de competências, onde se realizam trocas recíprocas

que, originam um enriquecimento de saberes. Na educação Pré-Escolar, a interdisciplinaridade, assume um papel de destaque pois potencia a aprendizagem e o desenvolvimento de competências que irão servir de suporte no futuro.

Esta atividade foi concluída recorrendo à interdisciplinaridade, tornando-a deste modo apelativa.

2.3.3. Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos

A atividade descrita no quadro 4 encontra-se inserida na Área de Expressão e Comunicação: Área do Conhecimento do Mundo.

Quadro 4 – Planificação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos

PLANO DE ATIVIDADE			
Orientadora: C			
Faixa etária: 5 anos			
Área do Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
50 minutos	Conhecimento do mundo físico e natural: Inseto: joaninha	<ul style="list-style-type: none"> Saudar as crianças que estão nos respetivos lugares; Pedir às crianças para observarem o que têm em cima da mesa (joaninha feita em goma eva); Rodar a joaninha ao contrário e escrever com lápis de cor a palavra "joaninha"; Fazer a dinamização da palavra construída; Voltar a virar novamente a joaninha e colocar as pintas (estavam representadas por bolinhas pretas) ditadas através de batimentos de sons; Somar as pintas e colocar debaixo os algarismos móveis e símbolos correspondentes à operação; Sintetizar a atividade através da visualização de imagens sobre as várias fases da vida da joaninha. 	<ul style="list-style-type: none"> Joaninha em goma eva; Lápis de cor; Bolinhas pretas; Algarismos e símbolos móveis; Imagens A3 plastificadas sobre a metamorfose da borboleta.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações

Inicialmente, solicitei às crianças que explorassem o material que tinham em cima da mesa e pedi que escrevessem a palavra joaninha com o lápis de cor. Esta estratégia surge como forma de ultrapassar a fragmentação dos diferentes conteúdos, promovendo um diálogo entre as mesmas e relacionando-as entre si. Leite (2013) salienta que existe identificação quando há valorização de diversas áreas do conhecimento.

Em concordância com Sim-Sim (2009, como citado em Ruivo, 2017) ler e escrever é um processo composto, e deve ser centrado “na obtenção significativa do que está escrito”,

também como esta aprendizagem é um processo “num contexto real de leitura, ou, simplesmente, que se aprenda a ler, lendo”. (p.32)

Nesta faixa etária, através do Método João de Deus, as crianças adquirem uma mentalidade e pré-requisitos básicos aos desenvolvimentos da competência de leitura e escrita, fazendo esse estímulo diariamente e com constante consolidação desses conhecimentos.

A consciência fonológica é bastante importante, pois desenvolve a oralidade da criança, Segundo Sim-Sim (1998, como citado em Simões, 2011) “a consciência fonológica representa conscientemente as propriedades e as unidades constituintes da fala, percebendo os sons do discurso bem como a sua organização na formação da palavra” (p.16), que se relacionam de forma a estabelecer interação de conteúdos e conceitos.

Após a abordagem ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças realizaram algumas operações com os algarismos móveis e de seguida abordou-se a Área do Conhecimento do Mundo. Nesta área falou-se sobre as características da joaninha como por exemplo: “a joaninha exsuda um líquido amarelo tóxico pelas articulações corporais. A cor intensa sinónimo de um mau sabor, alerta as aves e outros predadores” (Woodward, 2019, p.36).

As crianças também tiveram oportunidade de visualizar imagens sobre as diferentes fases da vida da joaninha, explorando-as e descrevendo o que observavam.

Durante a atividade recorreu-se à interdisciplinaridade, permitindo estabelecer uma relação entre diversos conteúdos, promovendo deste modo a aprendizagem.

Leite (2013), salienta que existe interdisciplinaridade quando há valorização de diversas áreas do conhecimento que se interrelacionam de forma a estabelecer a integração de conteúdos e conceitos.

Conclui a atividade, entregando às crianças um suporte de papel, onde se visualizavam as várias fases da vida da joaninha, sintetizando a atividade de forma clara e objetiva.

2.3.4. Planificação da atividade do Domínio da Matemática - 5 anos

O quadro 5 apresenta uma atividade realizada num grupo de 5 anos inserida no Domínio da Matemática. São utilizados matemáticos estruturados e material não estruturado.

Quadro 5 – Planificação da atividade do Domínio da Matemática – 5 anos

PLANO DE ATIVIDADE			
Orientadora: C			
Faixa etária: 5 anos			
Área: Domínio da Matemática			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
40 minutos	Identificar quantidades; Resolver problemas do quotidiano; Reconhecer formas geométricas (Construção do puzzle do Tangram)	<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças no tapete no centro da sala em forma de /U/; • Saudar as crianças que estão nos respetivos lugares; • Contar a história do Sr. <i>Tan</i> (Anexo 1) com o auxílio do <i>Tangram</i> em ponto grande; • Distribuir às crianças o papel colorido com forma quadrangular; • Pedir às crianças que façam, de forma orientada, a dobragem do <i>Tangram</i>; • Cortar com a tesoura pelos vincos feitos no mesmo, até obterem as várias formas geométricas; • Identificar as formas geométricas presentes; • Pedir a várias crianças que lancem o dado e que façam a construção que lhes tenha saído no mesmo; • Colar a construção feita num papel e escrever por debaixo a palavra referente à imagem; • Sintetizar a atividade através do diálogo com as crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tangram</i> em tamanho grande; • História do Sr. <i>Tan</i> (Anexo 1); • Folhas quadradas coloridas de tamanho pequeno; • Tesoura; • Dado de tamanho pequeno, com várias construções e com o respetivo nome em baixo.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações

Primeiramente foi contada a história do Sr. Tan (anexo 1), com o auxílio do material estruturado em ponto grande. As OCEPE (Silva, *et al*, 2016) consideram importante o educador ler ou contar histórias pois é:

um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscita o desejo de aprender a ler. O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita iniciam-se na educação de infância (p.66).

É importante criar crianças cultas através do desenvolvimento da leitura, para que as mesmas sejam capazes de refletir e apliquem os conhecimentos no quotidiano, de forma a terem boas atitudes perante a sociedade. O Plano Nacional de Leitura (PNL) é um projeto fundamental para os educadores e professores, este dispõe uma lista de livros que desenvolvem as competências de leitura, escrita, de forma a criar bons hábitos e promover o gosto de ler.

O material que utilizei quando contei a história, foi um Tangram em formato grande, que é feito de madeira com sensivelmente 1 cm de altura, e forrado com papel autocolante prateado, criando o efeito de espelho como é referido na história. Tem como fim ser utilizado

pelo grupo. De acordo com Caldeira (2009b) o *Tangram* é “uma dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas” (p.391).

Damas et al., (2010), afirmam que este material é constituído por sete peças, apenas figuras geométricas, tendo um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, dois triângulos grandes geometricamente iguais e um triângulo médio. O objetivo deste material implica “o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos”, o que nestas idades é fundamental para o estar coeso futuramente.

Alsina (2004) refere que a utilização deste material no ensino matemático é interessante para aprofundar alguns aspetos que estão incluídos na planificação, sendo estes aprofundar a análise das diferentes formas geométricas, tanto no que se refere às suas propriedades (...), como nas relações que se podem estabelecer entre as diferentes figuras.

De seguida, as crianças desenvolveram a motricidade fina através da construção, corte e colagem do papel para a construção do tangram. Formosinho, Katz, McClellan e Lino (1996, p.58) dizem que é importante a escolha do material pois “têm de ser interessantes para as crianças”, tendo em conta que uma sala de aula tem várias crianças com interesses e aprendizagens a diferentes níveis.

Abrantes et al., (1999) afirmam que os materiais matemáticos manipuláveis são importantes como ponto de partida e suporte escolar, mas “trata-se de um meio e não um fim; o essencial está na natureza da atividade intelectual dos alunos” (p.25). Neste contexto, os mesmos autores, reconhecem que a aprendizagem é um processo que requer envolvimento das crianças/ alunos em atividades/ aulas significativas, influenciados também pela cultura da sala de aula, nunca tirando a relevância do professor.

Caldeira (2009b) afirma que existem capacidades e destrezas que as crianças desenvolvem com a utilização deste material, sendo estas “desenvolver a concentração; estimular a curiosidade contribuindo para a perseverança; capacidade em transformar; percepção espacial; desenvolver o sentido da comparação; noção de área; relacionar área/perímetro; desenvolver a escrita; desenvolver a linguagem e criatividade” (p.399).

Posteriormente, forneci ao grupo um dado de grandes dimensões, que continha bolsas transparentes em cada face, e no seu interior estavam imagens plastificadas que podiam ser alteradas. Estas imagens são a construção de figuras relacionadas com este material (como por exemplo: senhor, bule de chá, casa, gato, barco, peixe) mas tendo a solução da mesma no verso da mesma folha, com as figuras geométricas separadas.

Em seguida, é suposto a criança colar o “*puzzle*” numa folha e escrever a palavra que ilustre a imagem, tendo consciência da palavra associada à imagem.

2.3.5. Planificação de aula da Disciplina de Português – 1.º Ano

O quadro 6 apresenta uma aula planificada para o 1.º ano do Ensino Básico, referente à disciplina de Português.

Quadro 6 – Planificação da aula de Português – 1.º ano

PLANO DE AULA			
Orientadora: D			
Faixa etária: 1.º ano			
Disciplina: Português			
Duração	Conteúdos	Estratégias	Recursos
1 hora	Criar um texto narrativo (Fábrica de Histórias)	<ul style="list-style-type: none">• Mostrar um vídeo contextualizando de como eram feitos os filmes antigamente;• Conduzir os alunos para o dia comemorativo, Dia Mundial do Cinema;• Distribuir cartões da fábrica das histórias aos alunos;• Ler os cartões distribuídos de forma individual e coletiva;• Pedir aos alunos que deleguem os cartões para escrever a história em conjunto;• Escrever a história no quadro;• Solicitar aos alunos que coleem os 3 retângulos brancos na folha preta;• Identificar as três partes constituintes de uma história e escrever por cima de cada retângulo;• Desenhar a história criada pela turma, desenhando apenas os três momentos essenciais da mesma;• Sintetizar a aula, mostrando um rolo de fotografias antigo aos alunos.• Colar um pequeno papel, onde foi escrita a história, no verso do papel preto.	<ul style="list-style-type: none">• Cartões da fábrica de histórias;• Papel preto e branco a imitar um rolo de filme antigo;• Rolo/tira antigo/a de fotografias;• Lápis de cor.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações

Comecei por apelar ao interesse dos alunos através do visionamento de um vídeo, sobre um filme antigo, para eles terem a perceção de como estes eram elaborados referindo que o primeiro filme, foi de curta duração e exibido em 1895.

Considero importante que as crianças tenham conhecimento sobre a existência de dias comemorativos, e como tal, a temática da aula foi sobre o dia comemorativo do Dia Mundial do Cinema, que se comemorou a dia 5 de novembro de 2021. Soares (2015) considera as datas comemorativas importantes pois “algumas modificam o mundo, outras fazem parte da história, da religião, da tradição” (p.3).

No 1.º ano de escolaridade, as crianças sabem ler algumas palavras, e eu decidi apelar a esse desenvolvimento para a construção de uma história coletiva. Inicialmente distribuí cartões por todas as crianças, estes indicavam como iríamos iniciar a história, sobre o local da mesma, qual seria a ação da história, e como terminaria. Segundo Viana e Teixeira (2002)

são importantes aspetos como o “desenvolvimento cognitivo e idade; conhecimento lexical e sintáctico; consciência linguística e metalinguística (conhecimento e funcionamento da língua, capacidade de emitir sobre a sintaxe, consciência fonológica); memória de trabalho para material verbal (relação entre a consciência fonológica) (p.55).

Após a distribuição dos cartões, e tendo em conta os diferentes ritmos de aprendizagem, cada aluno leu ou tentou ler o seu cartão de forma individual. Depois pedi aos alunos que tinham os cartões com uma determinada cor no rebordo dos mesmos (cor de laranja), para lerem o que estava escrito no seu cartão e foi eleito por votação um cartão de cada categoria.

O documento da UNICEF (2019) sobre a Convenção dos Direitos da Criança dita que as crianças têm o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe dizem respeito, tendo em conta essa opinião. Além da opinião, a criança deve tomar decisões, ainda que seja precoce, pois faz parte da vida do ser humano.

Comecei por escrever a história no quadro, apelando à memória dos alunos e questionei qual o cartão que tinha sido eleito por eles. Conforme iam surgindo as ideias, íamos seleccionando as mesmas e eles iam dando a sua opinião sobre os acontecimentos da história. Um aluno do 1.º Ciclo do Ensino Básico deve obter as seguintes competências orais:

saber escutar e saber falar significa ser capaz de compreender e de seleccionar informação; ser capaz de antecipar, de memorizar, de planificar, de produzir e de auto regular ou corrigir a própria mensagem, de acordo com diferentes registos e com as propriedades dos textos: adequação, coerência, coesão e correcção (Pinto, 2010, p.15).

Santos e Santos (2009) mostram que o ponto de vista criativo deve ser treinado para que surjam cada vez mais ideias, além de ser importante que os professores “desenvolvam a escrita criativa com os seus alunos, conduzindo-os e orientando-os, dando-lhes a chave da porta do mundo fantástico da imaginação” (p.160), ou seja, vai ser necessário criar novos desafios de escrita em todos os níveis para lhes estimular a imaginação e despertar-lhes novas ideias.

Depois distribui pelos alunos, três retângulos brancos, pedindo que fossem colados na folha preta, que foi colocada na horizontal, de forma a criar os três elementos constituintes da história, sendo estes: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Os alunos devem saber diferenciar as três fases, fazendo a ilustração que é representada para cada uma delas. Sousa (2017) afirma que não importa a obra de arte em si, mas refere-se à “sua capacidade em possibilitar às crianças a expressão das emoções e a evolução da sua beleza espiritual” (p.89).

A aula foi sintetizada através da exposição dos trabalhos em aula, e visualização de um rolo de máquina fotográfico antigo, para que os alunos tenham a percepção de que há uma constante evolução, e neste caso em concreto evoluiu para o digital. Os objetos antigos,

podem possuir um valor sentimental, mas o mais importante é que contam a história ao longo dos anos, mostrando a sua evolução.

2.3.6. Planificação da aula da Disciplina de Estudo do Meio – 2.º ano

O quadro 7 apresenta uma aula realizada no 2.º ano, sobre a Resolução de Problemas Científicos, tendo como questão: “É possível fabricar um instrumento musical?”, inserindo-se na disciplina de Estudo do Meio.

Quadro 7 – Planificação da aula de Estudo do Meio – 2.º ano

PLANO DE AULA			
Orientadora: E			
Faixa etária: 2.º ano			
Disciplina: Estudo do Meio			
Duração	Conteúdos	Estratégias	Recursos
45 minutos	Resolução de Problemas: É possível fabricar um instrumento musical?	<ul style="list-style-type: none"> • Saudar os alunos que estão sentadas nos respetivos lugares; • Contextualizar a aula através da audição de uma orquestra; • Pedir a um aluno que distribua o registo das conceções alternativas; • Registar as conceções no documento distribuído; • Identificar o problema apresentado; • Disponibilizar o material necessários em cima de uma mesa; • Organizar os grupos de trabalho; • Pedir às crianças que em grupo recolham o material que elegeram para encontrarem uma solução em conjunto para o problema; • Apresentação do grupo sobre o problema apresentado; • Fazer a interação dos conhecimentos através do diálogo; • Promover atividades de enriquecimento e aprofundar mais os conhecimentos sobre a temática, pedindo às crianças que tragam outros materiais de casa para experimentar em aula. 	<ul style="list-style-type: none"> • Documento de registo das conceções alternativas; • Caixas de cartão; • Recipiente de plástico; • Frio de Nylon/metal/cordel; • Elásticos; • Palhinhas; • Varetas de madeira; • Balões; • Objetos reciclados; • Feijão/grão/arroz; • Cola; • Tesoura; • Instrumentos musicais reais.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.

As Didáticas das Ciências direcionadas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, de acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Terneiro-Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007) afirmam a importância da Ciência na escolaridade básica dizendo que “terá sempre que veicular alguma compreensão, ainda que simplificada, de conteúdos e do processo e natureza da Ciência, bem como o desenvolvimento de uma atitude científica perante os problemas” (p.17). Os mesmos autores enumeram razões pelas quais devem ser promovidas nos primeiros anos de vida, a Educação em Ciência, sendo estas:

- Responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência;
- Ser uma via para a construção de uma imagem positiva e reflectiva acerca da Ciência;
- Promover capacidade de pensamento (criativo, crítico, metacognitivo, ...);
- Promover a construção de conhecimento científico útil e com significado social, que permita às crianças e aos jovens melhorar a qualidade da interacção com a realidade natural (p.17).

Existem finalidades da Educação em Ciências para as crianças, sendo estas promotoras da construção do conhecimento científico e tecnológico, manifestando-se de forma positiva no quotidiano do educando; estimulação da compreensão de diferentes conceitos, manifestando-se formas do pensamento; contribuição para a formação democrática do ser humano; progressão das capacidades de pensamento relacionados com a resolução de problemas, processos científicos e à tomada de decisão; promoção sobre a reflexão tendo em conta os valores do conhecimento científico e atitudes, normas e valores (Martins, et al., 2007).

A Resolução de Problemas Científicos e Tecnológicos é uma abordagem que é apresentada a maioria das vezes como “enigma, visando suscitar conflitos cognitivos” (Thouin, 2004, p.14) sobre os alunos, sendo utilizadas situações complexas, levando os alunos a pesquisar soluções para o problema. Esta prática ocorre em grupo, tendo de escolher os materiais mais apropriados para a resolução, e seguidamente apresentá-los à turma, havendo uma partilha de soluções, podendo estas serem resolvidas de forma mais eficaz, menos eficaz ou sem eficácia.

Os alunos sentaram-se nos seus lugares e a aula iniciou-se com recurso a uma audição de uma performance de uma orquestra, pois a aprendizagem através da música pressupõe a aquisição e o desenvolvimento de inúmeras competências. Depois coloquei uma questão aos alunos: “É possível fabricar um instrumento musical?”. Os alunos registaram numa folha de registo individual a sua opinião sobre essa questão, sendo ou não possível ter solução. Thouin (2004) diz que em muitos casos, as concepções são influenciadas a nível pessoal, ou seja, “cada aluno é influenciado pelas suas ideias e pelas suas expectativas e reconstrói à sua maneira o mundo que o rodeia” (p.9).

Os alunos em grupo, fizeram uma seleção dos materiais que lhes foi fornecido, e através dos mesmos tentaram encontrar uma solução, construindo vários instrumentos musicais. Morgado (2004) afirma que “quando devidamente organizado, o trabalho em grupo disponibiliza recursos para utilização partilhada e estimula, através da interação entre alunos e entre professor e aluno, o desenvolvimento social dos alunos” (p.69).

Após essa etapa, os alunos confrontaram as suas concepções e os resultados obtidos. Martins et al., (2007) referem que o aluno deve observar e confrontar as concepções alternativas e os resultados: “compará-los com as previsões feitas e, à luz disso, avaliar a sua pertinência para uma resposta à questão de partida” (p.44).

Na apresentação das soluções à turma, os alunos devem utilizar uma linguagem adequada, pois de acordo com Sá (2004) afirma a importância da mesma através da “via da linguagem oral que se estabelecem as pontes entre o conhecimento do quotidiano e o conhecimento científico” (p.36), ou seja, o importante é que as palavras se relacionem com as situações experimentais através da aquisição de vocabulário específico.

No término, é importante consolidar os conceitos importantes do problema, ou seja, introduzir conceitos científicos, como Thouin (2004) afirma no seu livro, em suma, “as actividades de resolução de problemas são as mais importantes e as que proporcionam mais formação, uma vez que a actividade científica é essencialmente uma actividade que consiste em resolver problemas” (Thouin, 2004, p.14).

2.3.7. Planificação da aula da Disciplina de Português (Educação Literária) – 3.º ano

O quadro 8 apresenta uma aula da disciplina de Português, realizada no 3.º ano sendo do Domínio da Educação Literária, fazendo referência a um dos momentos marcantes da História de Portugal, o 25 de abril de 1974, também conhecido como Revolução dos Cravos.

Quadro 8 – Planificação da aula de Português – 3.º ano

PLANO DE AULA			
Orientadora: F			
Faixa etária: 3.º ano			
Disciplina: Português			
Duração	Conteúdos	Estratégias	Recursos
50 minutos	<p>Educação Literária:</p> <p>Ouvir ler obras literárias; Compreender textos; Manifestar ideias, sentimentos e pontos de vista</p>	<ul style="list-style-type: none"> Saudar os alunos; Apresentar o livro, <i>História de uma flor</i>; Realizar a leitura modelo do livro; Verificar palavras que os alunos desconheçam o seu significado; Questionar sobre o tema da história (ex.: Gostaste de ouvir esta história?; Na tua opinião, qual é o tema da história?; Existe algum acontecimento histórico que te relembre a liberdade ou a falta dela?); Dialogar com a turma sobre a Revolução do 25 de abril de 1974; Fazer interdisciplinaridade com a Matemática e a Cidadania (ex.: Quantos anos já passaram desde a Revolução que nós falamos; Gostam de poder tomar as vossas decisões?); Entregar uma folha de papel e pedir que desenhem um cravo ao seu gosto; Escrever na folha o título “A liberdade é...” acrescentando palavras em redor do desenho que para eles signifiquem a liberdade; Ouvir músicas alusivas ao tema do 25 de abril (em simultâneo com a realização da proposta de trabalho). 	<ul style="list-style-type: none"> Recreio exterior; Livro <i>História de uma flor</i> de Matilde Rosa Araújo; Papel branco; Lápis de cor ou canetas de feltro.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações

O livro selecionado para a leitura foi um livro de literatura infantil. A literatura engloba a partilha de saberes, conhecimentos, que nos ajudam a pensar no mundo e interrogá-lo. Azevedo e Balança (2016) definem Educação Literária como o “desenvolvimento de competências que permitem ler o mundo de uma forma sofisticada e contribuem para a formação de sujeitos críticos, capazes de ler e interrogar a práxis” (p.3). De acordo com a Porto Editora o objetivo da educação literária é “valorizar a literatura juntos dos alunos, uma vez que veicula tradições e valores e, como tal, é parte integrante do património nacional, e, por outro, contribui para a formação completa do indivíduo e do cidadão” (s.d.).

Comecei por fazer uma leitura modelo da obra escolhida, *História de uma Flor* de Matilde Rosa Araújo. A escritora supracitada de literatura infantil, escreveu nomeadamente alguns contos e poesias para adultos, e a restante obra dedicou às crianças, tendo sido uma das pioneiras dos temas problemáticos das crianças e a defesa dos seus direitos. A autora recebeu vários prémios, entre os quais destaco o Grande Prémio de Literatura para crianças da Fundação Calouste *Gulbenkian*, recebido no ano de 1980.

Viana e Teixeira (2002) abordam a importância de o adulto ler para a criança fazendo com que constitua “um dos momentos privilegiados de interação afectiva permitindo, em simultâneo, a emergência de comportamentos de leitura” (p.123).

A obra da autora referida anteriormente retrata a época histórica vivenciada por Portugal no século XX, a Revolução de 25 de abril 1974. Após a leitura da história, foram realizadas perguntas: Gostaste de ouvir esta história?; Na tua opinião, qual é o tema da história?; Existe algum acontecimento histórico que te lembre a liberdade ou a falta dela?.

Considero que a forma mais interessante de contar a História de Portugal é através do diálogo, isto é, narrar a história como se fosse um conto.

O término da aula fez com que as crianças entendessem de que a liberdade que elas têm atualmente, não é igual à dos seus familiares mais velhos, não foi assim, e por essa razão pedi que através da história que ouviram, desenhassem um cravo, pintando e desenhando a seu gosto. Tendo como título “A liberdade é...” escrevendo em redor da ilustração, o que para eles simbolizava a liberdade. De acordo com as AE (2018b) relativamente à Educação Artística, as Artes Visuais é um dos subdomínios onde é realizada a apropriação e reflexão, visando “mobilizar a linguagem elementar das artes visuais (cor, forma, linha, textura, padrão, proporção e desproporção, plano, luz, espaço, volume, movimento, ritmo, matéria, entre outros), integrada em diferentes contextos culturais (movimentos artísticos, épocas e geografias)” (p.7).

Os alunos ouviram músicas alusivas ao 25 de abril, enquanto realizaram a proposta de trabalho.

2.3.8. Planificação da aula de Disciplina de Matemática – 4.º ano

A aula apresentada, no quadro 9, foi realizada numa turma do 4.º ano e insere-se na disciplina de Matemática.

Quadro 9 – Planificação da aula de Matemática – 4.º ano

PLANO DE AULA			
Orientadora: G			
Faixa etária: 4.º ano			
Disciplina: Matemática			
Duração	Conteúdos	Estratégias	Recursos
45 minutos	Medidas: Comprimento e área	<ul style="list-style-type: none">• Desenhar previamente dois retângulos no chão do recreio com fita cola colorida;• Solicitar aos alunos que se desloquem para o recreio e levem com eles um lápis de carvão e uma folha branca;• Relembrar o conceito de área;• Realizar um desafio segundo as instruções dadas;• Explicar cada etapa do processo (ex.: calcular a área do retângulo grande e do retângulo pequeno e a área cultivada);• Explorar os resultados obtidos;• Regressar à sala de aula, terminando com uma síntese da mesma.	<ul style="list-style-type: none">• Fita cola colorida;• Lápis de carvão;• Folha branca.

Nota: Esta planificação está sujeita a alterações.

Comecei por levar os alunos para o espaço exterior da sala de aula, o recreio. Este local é considerado um sítio lúdico, de brincadeira, que tem um elemento social muito forte pois é nestes momentos que as crianças podem interagir entre elas. Paredes (2021) enumera algumas vantagens das aulas no exterior, tendo como primeira vantagem a motivação. Outro aspeto a ter em conta é a autoestima, a autora afirma “algo de que me apercebi logo no primeiro dia de aulas no exterior foi que os alunos se revelam mais autónomos fora do que dentro da sala de aula” (p.104). Sentaram-se no exterior, ficando em forma de U, para poderem ouvir a explicação do exercício.

Canavarro e Santos (2012) informam a importância de uma tarefa matemática proporcionando aos alunos “a vantagem da diversificação de tarefas que possibilite uma diversidade de experiências matemáticas aos alunos, e a necessidade da sua adequação aos propósitos de ensino definidos pelo professor” (p.100).

Podemos explorar com os alunos as estratégias que eles utilizariam para calcular os retângulos desenhados com fita cola colorida. Utilizando o Sistema Internacional de Unidades (SI), qual seria a melhor grandeza para ser utilizada; explorar também quais os instrumentos mais aconselháveis para fazer esta medição.

A partir do momento que os alunos perceberam que estávamos a abordar a grandeza de área abordamos esse mesmo conceito. O conceito de área foi abordado como um conceito necessário da sua medição no dia a dia. Aires e Campos (2011) definem área como uma “grandeza derivada da grandeza comprimento. A área de uma figura plana é a porção de medida do plano que ela ocupa” (p.54). As mesmas autoras definem ainda comprimento como uma grandeza com duas abordagens distintas, isto é, “três dimensões, e o comprimento como lugar vazio, isto é, a distância entre dois objetos” (p.53).

Considero esta aula como um jogo, isto é, através do cálculo matemático lúdico que as crianças jogam com os números. Silva e Santos (2011) afirmam a importância dos jogos através da construção de uma estratégia e na partilha de experiências. Os jogos devem ser implementados, servindo como prática complementar na aquisição de conhecimentos.

Para calcular a área é necessário saber o conceito da mesma bem como qual a fórmula que devemos utilizar. O Programa e Metas Curriculares de Matemática (Bivar, Grosso, Oliveira & Timóteo, 2013) refere no conteúdo sobre adição e subtração de números naturais, os alunos devem resolver “problemas de até três passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, comparar ou completar” (p.10). Este exercício, tem várias etapas, onde a criança deve descobrir a área do retângulo grande, em seguida a área do retângulo pequeno e fazer a subtração da área maior e da área menor, para descobrir qual será a área cultivada.

Ao longo 1.º Ciclo do Ensino Básico, o sentido de número faz parte da vida da criança, fazendo com que a compreensão global e flexível dos números e operações fazendo com que desenvolva estratégias capazes na aplicação do dia a dia. No que diz respeito à leitura de número, Caldeira (2009b) define sentido de número como a “construção de reconhecimentos numéricos e modelos construídos com números ao longo da vida, englobando a capacidade de compreender o facto dos números terem diferentes significados, sendo utilizados em diferentes contextos” (p.203).

Os alunos devem escrever no papel os procedimentos elaborados para a resolução, depois devem explicar oralmente, utilizando a linguagem matemática adequada, demonstrando de que forma chegaram à questão problema.

Sintetizei a aula através de uma síntese escrita da mesma, pois segundo Jorge (2019) “a importância da utilidade da produção escrita de sínteses logo nos primeiros anos de ensino, salientando a importância desta forma de atividade reflexiva, favorecedora da apropriação e memorização de conhecimentos” (pp.150-151).

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

3.1. Síntese do capítulo

O presente capítulo é relativo às avaliações de quatro dispositivos sobre alguns domínios/disciplinas, sendo os dois primeiros relativamente à Educação Pré-Escolar e os restantes do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como a fundamentação teórica da mesma.

Em todos os dispositivos de avaliação é realizada uma breve contextualização da atividade/aula, a descrição dos parâmetros e critérios da avaliação feitos à mesma, assim como a sua interpretação e respetiva conclusão.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação das aprendizagens das crianças e dos alunos, em concordância com International Step by Step Association (ISSA) (como citado em Portugal & Laevers, 2018), é um trabalho pedagógico de qualidade, assumindo “o papel crucial da avaliação e planificação na promoção de aprendizagens que assegurem sucesso e desenvolvimento das crianças” (p.7). Os mesmos autores afirmam ser fundamental o acompanhamento do educador “no processo de autoavaliação e de tomada de decisões acerca da sua aprendizagem, oriente as crianças na apreciação de trabalhos e acompanhamentos” (p.7), com a partilha junto das famílias e outros profissionais.

A palavra avaliação é um termo complexo pois abrange vários significados dependente do seu contexto. A partir da pesquisa de vários autores, avaliar é “verificar, julgar, estimar, situar,” (Hadji, 1994); também é “determinar a valia ou o valor de” (p.27) (Dicionário Infopédia, 2021); e é “processo de análise e reflexão, no sentido de sustentar as decisões sobre o planeamento, cuja concretização irá conduzir a uma nova avaliação” (OCEPE, Silva, *et al*, 2016, p.13); “averiguar o grau de adequação entre o conjunto de informação recolhida sobre o objeto em avaliação e o conjunto de critérios e indicadores construídos para esse processo, com o propósito de tomar uma decisão” (Cosme, Ferreira, Sousa, Lima & Barros, 2020, p.20).

Cardona, Silva, Marques e Rodrigues (2021) mostram a avaliação como uma “missão primordial” que ajuda o educando a aprender e desenvolver-se, servindo “para adequar o desenvolvimento do currículo às necessidades da criança, de modo a que esta possa evoluir e aprender (aquilo que o currículo propõe)” (p.15).

Também Flores, Alves e Machado (2018) consideram que a avaliação deve conter fatores como a “construção de conhecimento, de experiências e de práticas de natureza colaborativa e “coletiva” (p.226). A aferição necessita, por parte dos docentes, uma orientação

especializada e individualizada para cada criança/aluno e do grupo/turma como um todo, sendo feito registos das dificuldades, interesses e conhecimentos adquiridos pelos mesmos. (Portugal & Laevers, 2018). “À medida que aumenta o número de currículos de educação de infância ao dispor das crianças, aumenta também o número de medidas de avaliação estandardizadas” (Dyson & Genishi, 2002, p.289).

Apesar das práticas avaliativas da aprendizagem serem métodos que determinam um trabalho individual no isolamento disciplinar, tem por outro lado, a sua formação inicial e contínua, existindo como “pilares fundamentais para a transformação da avaliação das aprendizagens” (p.227).

De acordo com a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação é “um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p.1)

Para que exista um acompanhamento e avaliação das aprendizagens, o docente deve compreender as seguintes modalidades de avaliação: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa. As duas primeiras avaliações limitam-se apenas para a Educação Pré-Escolar; as restantes são concluídas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A avaliação diagnóstica, que é realizada desde o início da aprendizagem através da “identificação de determinadas destrezas, atitudes e conhecimentos, a fim de permitir a adequação dos meios de instrução às características e situação peculiar dos alunos” (Serpa, 2010, p.28).

A Circular n.º 4/2011, de 11 de abril de 2011, define a avaliação formativa como um processo adaptado onde contém “o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção.” (p.1). Esta é um instrumento de suporte para a introdução educativa, dando planeamento e tomada de decisão ao docente.

A avaliação sumativa, de acordo com o Despacho Normativo n.º 1-F/2016, Artigo 12.º, é um objetivo global sobre as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos relativas a esse ano letivo, “a avaliação sumativa traduz a necessidade de, no final de cada período escolar, informar alunos e encarregados de educação sobre o estado de desenvolvimento das aprendizagens”, acrescento o Artigo 13.º do mesmo Despacho que declara “a informação resultante da avaliação sumativa materializa-se na atribuição de uma menção qualitativa de Muito Bom, Bom, Suficiente e Insuficiente, em todas as disciplinas”.

O processo avaliativo em Educação Pré-Escolar é feito através do domínio da avaliação certificativa e seletiva, “a avaliação não serve para «sancionar» as crianças e (de)limitar as suas possibilidades de movimento e progressão” (Cardona, Silva, Marques & Rodrigues, 2021, p.15).

Relativamente à avaliação realizada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, esta pode ser colocada em prática da seguinte forma: diagnóstica, formativa e sumativa. O Despacho Normativo n.º 1-F/2016 (Artigos 10.º e 11.º), 5 de abril define avaliação diagnóstica como a “obtenção de elementos para a fundamentação do processo de ensino e de aprendizagem e visa a facilitação da integração escolar e a orientação escolar e vocacional” (Artigo 10.º). A avaliação sumativa (Artigo 11.º) é de “caráter contínuo e sistemático dos processos avaliativos”. E a avaliação sumativa abrange um “juízo global sobre as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos, (...) no final de cada período escolar, informar os alunos e encarregados de educação sobre o estado de desenvolvimento das aprendizagens”. A avaliação sumativa (Artigo 12.º) debruça-se sobre as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos relativas a esse ano letivo, “a avaliação sumativa traduz a necessidade de, no final de cada período escolar, informar alunos e encarregados de educação sobre o estado de desenvolvimento das aprendizagens”, acrescento o Artigo 13.º do mesmo Despacho que declara “a informação resultante da avaliação sumativa materializa-se na atribuição de uma menção qualitativa de Muito Bom, Bom, Suficiente e Insuficiente em todas as disciplinas”.

Os dispositivos de avaliação aplicados neste relatório de estágio, enquadram-se no desenvolvimento feito no modelo de avaliação formativa. O objetivo deste capítulo é sobre o desenvolvimento no domínio da avaliação, avaliar e reconhecer as necessidades dos alunos, e ajudá-los no seu crescimento. Concluimos, tal como Cosme (2018) afirma: “uma relação congruente entre o ato de ensinar e de aprender e o ato de avaliar” (p.86), isto é, pretende-se que “os alunos desenvolvam competências, e se entenda que estas pressupõem conhecimentos, capacidades e atitudes, terá obrigatoriamente de se alargar o campo dos instrumentos de avaliação a mobilizar” (p.87).

De seguida irei apresentar neste capítulo, a recolha de informações sobre os resultados das propostas de atividades/trabalhos realizados pelas crianças/alunos. A escala utilizada é uma adaptação da Escala de Likert, compreendendo os valores de 0 a 10, e com os seguintes parâmetros:

- Fraco (0 a 2,9 valores);
- Insuficiente (3 a 4,9 valores);
- Suficiente (5 a 6,9 valores);
- Bom (7 a 8,9 valores);
- Muito Bom (9 a 10 valores).

3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos

3.3.1. Contextualização da atividade

A proposta de atividade refere-se ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 2) tendo sido aplicada por mim num grupo de 21 crianças, na faixa etária dos 4 anos. O objetivo é compreender se as crianças reconhecem a letra /a/; verificar se a motricidade fina está desenvolvida e se associam o número de quadrículas ao numeral.

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para esta atividade foram definidos três parâmetros de avaliação sendo estes: reconhecimento da vogal, motricidade fina e associação do número de quadrículas ao numeral.

1. Reconhecimento da vogal /a/: este parâmetro tem como objetivo perceber se a criança a partir da palavra “água”, consegue identificar a vogal /a/. Os critérios para este parâmetro foram os seguintes:

- Identifica corretamente a letra /a/ dez vezes;
- Identifica corretamente a letra /a/ sete a nove vezes;
- Identifica corretamente a letra /a/ quatro a seis vezes;
- Identifica corretamente a letra /a/ uma a três vezes;
- Resposta incorreta.

2. Motricidade fina: Este parâmetro pretende avaliar se a criança consegue pintar corretamente os quadrados respeitando os contornos, não considerando a quantidade pintada do mesmo. Foram definidos os seguintes parâmetros:

- Pinta corretamente respeitando os contornos de todas as quadrículas;
- Pinta corretamente respeitando os contornos de sete a nove quadrículas;
- Pinta corretamente respeitando os contornos de quatro a seis quadrículas;
- Pinta corretamente respeitando os contornos de uma a três quadrículas;
- Pinta, mas não respeita os contornos das quadrículas;
- Resposta incorreta.

3. Associação do número de quadrículas ao numeral: Neste parâmetro pretende-se perceber se a criança após pintar as quadrículas, faz a contagem das mesmas e circunda o numeral que corresponde ao número de quadrículas que pintou. Para este parâmetro foram definidos os seguintes critérios:

- Identifica o numeral;
- Resposta incorreta.

O quadro que se segue (quadro 10), apresenta de uma forma sintética, os parâmetros e critérios definidos para esta atividade bem como as suas cotações.

Quadro 10 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos

	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	1. Reconhecimento da vogal /a/	1.1. Identifica corretamente a letra /a/ 10 vezes	4	4
		1.2. Identifica corretamente a letra /a/ 7 a 9 vezes	3,5	
		1.3. Identifica corretamente a letra /a/ 4 a 6 vezes	2,5	
		1.4. Identifica corretamente a letra /a/ 1 a 3 vezes	1,5	
		1.5. Resposta incorreta	0	
2	2. Motricidade fina	2.1. Pinta corretamente respeitando os contornos de todas as quadrículas	3	3
		2.2. Pinta corretamente respeitando os contornos de 7 a 9 quadrículas	2,5	
		2.3. Pinta corretamente respeitando os contornos de 4 a 6 quadrículas	2	
		2.4. Pinta corretamente respeitando os contornos de 1 a 3 quadrículas	1,5	
		2.5. Pinta, mas não respeita os contornos das quadrículas	1	
		2.6. Resposta incorreta	0	
3	3. Associação do número de quadrículas ao numeral	3.1. Identifica o numeral	3	3
		3.2. Resposta incorreta	0	
Total				10

3.3.3. Apresentação e análise dos resultados

A figura 14 apresenta os resultados obtidos da avaliação da atividade do Domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizada com um grupo de 21 crianças com 4 anos de idade.

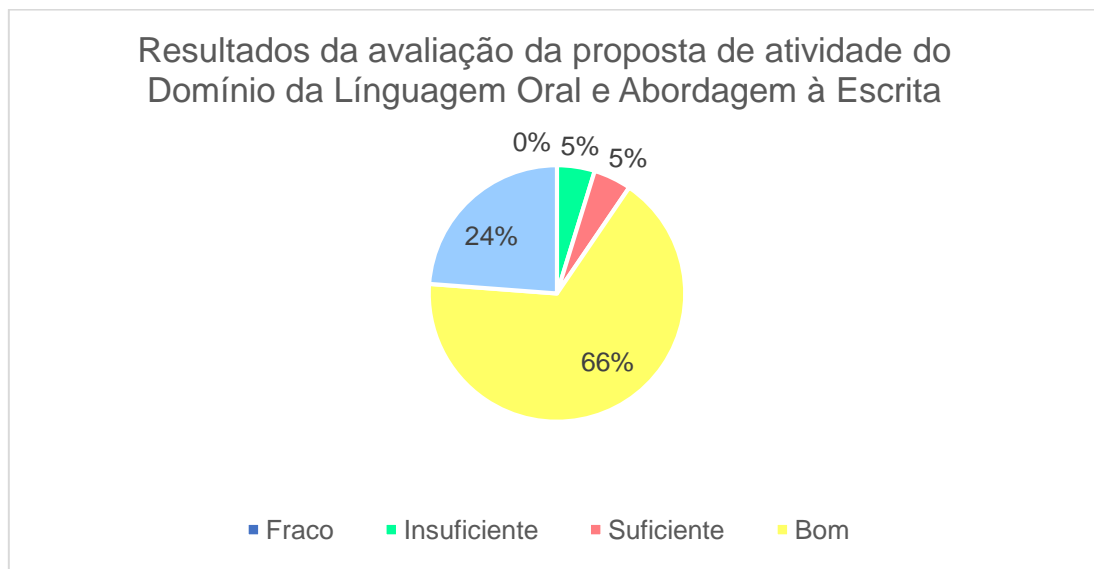


Figura 14 - Resultados da avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Através da observação da grelha de avaliação (Anexo 3) e do gráfico de resultados (figura 14), inferimos que a avaliação feita ao grupo variou entre o Insuficiente e o Muito Bom, tendo a grande parte das crianças obtido a classificação de Bom (66%), correspondendo a 14 crianças. Contudo, fazendo uma particularização das avaliações, verifiquei que: não houve nenhuma percentagem que obtivesse classificação de Fraco; houve sim 1 criança (5%) que obteve a classificação de Insuficiente; outra criança (5%) obteve Suficiente; e por fim 5 crianças (24%) obtiveram Muito Bom.

Assim, verifico que em relação à proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a média do grupo foi de 8,1 numa escala total de 10 valores, correspondente à classificação de média do grupo de Bom.

Através da grelha de avaliação (Anexo 3) conseguimos diagnosticar qual é a maior dificuldade do grupo, sendo esta a motricidade fina, avaliando a destreza das crianças a pintar corretamente as quadrículas respeitando os contornos, para um parâmetro que tinha a cotação de 3 valores, a média do grupo neste parâmetro foi de 1,5 valores. A maioria das crianças pintaram a quantidade de quadrículas corretas, mas algumas não respeitaram os contornos da mesma (motricidade fina).

Após o desenvolvimento do mesmo, as crianças devem adquirir mobilidades como alcançar, agarrar, transportar, largar voluntário, uso bilateral das mãos, manipulação na mão e destreza (Serrano & Luque, 2015), por meio da descoberta vai encontrar e experimentar as novas formas de utilização dos mesmos, a criança pode progredir gradualmente, conseguindo alcançar o objetivo pretendido.

Relativamente ao reconhecimento da vogal /a/, é fundamental que todas as crianças saibam reconhecer no papel as letras, e de acordo com as OCEPE (Silva, et al., 2016) é importante que uma criança no Pré-Escolar saiba “reconhecer letras e aperceber-se da sua organização em palavras” (p.70). Muitas crianças ao longo da atividade, disseram-me que tinham a letra /a/ no seu nome, e fizeram o reconhecimento da letra /a/ noutras palavras através do som da voz.

Em suma, nas contagens apercebi-me que as crianças tinham um bom desempenho, e isso deve-se ao trabalho da educadora junto dos mesmos, pois trabalha o Domínio da Matemática com regularidade. Alsina (2004) refere que os princípios matemáticos fazem parte da nossa vida real desde tenra idade, tendo “como instrumento que lhes permite desenvolver-se melhor no seu meio” (p.5), de acordo com as OCEPE (Silva, et al., 2016) no Domínio da Matemática, serve de estruturação do pensamento, tem um acesso específico desta linguagem e a construção de conceitos matemáticos importantes para a criança dar sentido e reconhecê-los no mundo.

3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

3.4.1. Contextualização da atividade

A proposta de atividade refere-se ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 4), tendo sido aplicada num grupo de 25 crianças, na faixa etária dos 5 anos. Tem como objetivo compreender se as crianças sabem identificar as letras, neste caso específico as letras /a/, /l/ e /m/, bem como se criam palavras através das letras referidas anteriormente; se conhece as regras da Cartilha Maternal através da leitura de imagens e palavras.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para esta atividade foram definidos três parâmetros de avaliação sendo estes: reconhecimento das letras /a/, /l/ e /m/; formação de palavras; identificação das regras da Cartilha Maternal.

1. Reconhecimento das letras /a/, /l/, /m/: este parâmetro pretende verificar se a criança consegue identificar as três letras /a/, uma letra /l/ e /m/, que se encontram dentro de uma caixa, contendo letras repetidas. Os critérios para este parâmetro foram os seguintes:

- Identifica corretamente a letra /a/, /l/ e /m/;
- Identifica corretamente a letra /a/ e /m/, não identificando a letra /l/;
- Identifica corretamente a letra /a/ e /l/, não identificando a letra /m/;
- Identifica corretamente a letra /l/ e /m/, não identificando a letra /a/;
- Identifica corretamente apenas a letra /a/;
- Identifica corretamente apenas a letra /l/;
- Identifica corretamente apenas a letra /m/;
- Resposta incorreta.

2. Formação de palavras: Este parâmetro tem como objetivo perceber se a criança, através das letras móveis, forma palavras. Os critérios são os seguintes:

- Cria corretamente duas palavras coerentes;
- Cria corretamente duas palavras coerentes e uma das palavras é diferente do grupo;
- Cria corretamente apenas uma palavra coerente e a outra não coerente;
- Cria duas palavras não coerentes;
- Resposta incorreta.

3. Identificação das regras da Cartilha Maternal (lição do /m/ *metil*): Neste parâmetro pretende-se averiguar se a criança conhece as regras do metil. Assim foram definidos os seguintes critérios:

- Conhece as regras do *metil*;
- Resposta incorreta.

O quadro 11 apresenta de uma forma sintética, os parâmetros e critérios definidos para esta atividade bem como as suas cotações.

Quadro 11 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação para a proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

	Parâmetros	Critérios		Cotação
1	1. Reconhecimento das letras /a/, /l/ e /m/	1.1. Identifica corretamente a letra /a/, /l/ e /m/	3	3
		1.2. Identifica corretamente a letra /a/ e /m/, não identificando a letra /l/	1,5	
		1.3. Identifica corretamente a letra /a/ e /l/, não identificando a letra /m/	1,5	
		1.4. Identifica corretamente a letra /l/ e /m/, não identificando a letra /a/	1,5	
		1.5. Identifica corretamente apenas a letra /a/	0,5	
		1.6. Identifica corretamente apenas a letra /l/	0,5	
		1.7. Identifica corretamente apenas a letra /m/	0,5	
		1.8. Resposta incorreta	0	
2	2. Formação de palavras	2.1. Cria corretamente duas palavras coerentes	3	4
		2.2. Cria corretamente duas palavras coerentes e uma das palavras é diferente do grupo	4	
		2.3. Cria corretamente duas palavras não coerentes	2	
		2.4. Cria corretamente apenas uma palavra coerente e a outra não coerente	1	
		2.5. Resposta incorreta	0	
3	3. Identificação das regras da Cartilha Maternal	3.1. Conhece as regras do metil	3	3
		3.2. Resposta incorreta	0	
Total				10

3.4.3. Apresentação e análise dos resultados

A figura 15 apresenta os resultados da avaliação do Domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, num grupo constituído por 25 crianças de 5 anos de idade.

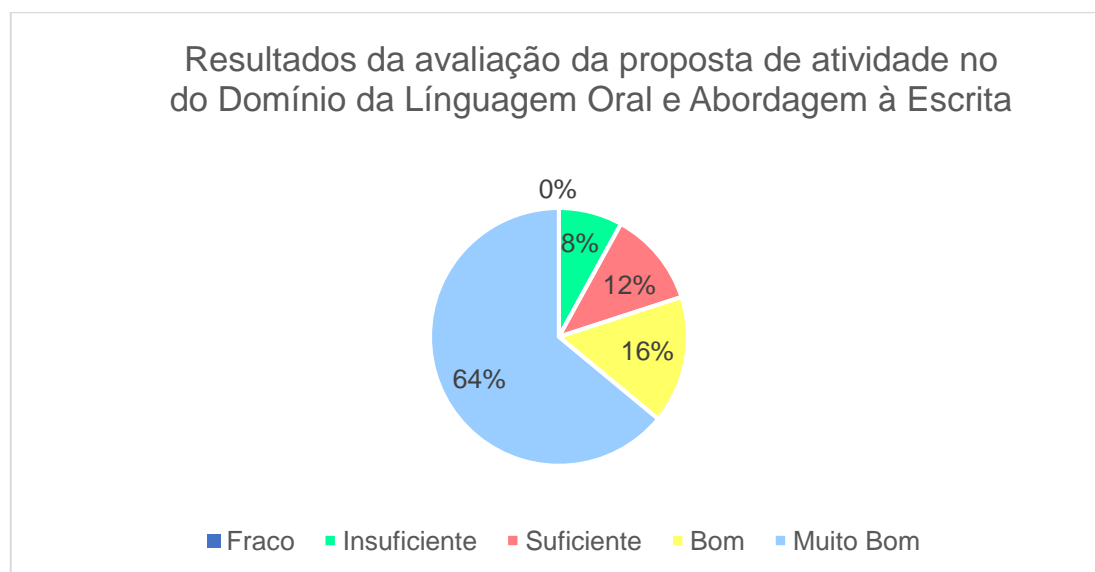


Figura 15 - Resultados da avaliação da proposta de atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Depois de observar o gráfico circular de resultados referido anteriormente (Figura 15), e a grelha de avaliação (Anexo 5), a avaliação deste grupo está compreendida entre o Suficiente e o Muito Bom. Abordando as avaliações, 8% das crianças obtiveram a classificação de Insuficiente, que corresponde a 2 crianças; a classificação de Suficiente tem uma percentagem de 12% (3 crianças); a classificação de Bom, corresponde a 16% do grupo que são 4 crianças; e as restantes 16 crianças corresponde a uma percentagem de 64%, ou seja, obtiveram Muito Bom. Desta forma verifico que a proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, obteve uma média de 7,9 valores numa escala máxima de 10 valores que, por sua vez, reflete uma classificação de Bom.

Observando a minha proposta de atividade, posso constatar que o resultado foi bastante positivo, apesar de a média do grupo ser Bom. As dificuldades sentidas no primeiro exercício foram de apenas três crianças, por isso podemos concluir que a introdução e desenvolvimento das mesmas com o contacto com as letras não está desenvolvido. As OCEPE (Silva, et al., 2016) afirmam ser importante a atitude pedagógica e o ambiente em que se inserem nesta primeira fase de aprendizagem pois torna-se facilitador “de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas, pois só assim as crianças poderão passar pelas diferentes fases inerentes à apropriação do código escrito” (p.70).

Na formação de palavras, não considero que existisse dificuldade neste parâmetro, pois as crianças foram tentando formar com as letras móveis e, em seguida, liam a mesma.

Em observação relativamente à última etapa da proposta de atividade, acho que algumas crianças sentiram dificuldade na mesma, que consistia em recorrer à memória das mesmas relativamente às regras da Cartilha Maternal. Deus (1997) fala da importância da Cartilha Maternal sendo “a descoberta de valores e regras a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtiva que lhes dá muita satisfação” (p.10). Algumas crianças não realizaram com sucesso o último parâmetro, porém esse facto pode acontecer devido aos diferentes ritmos de aprendizagens das mesmas.

3.5. Avaliação da proposta de trabalho da disciplina de Matemática – 3.º ano

3.5.1. Contextualização da proposta

A proposta de trabalho refere-se à Disciplina de Matemática (Anexo 6), tendo sido aplicada numa turma de 20 alunos, numa turma de 3.º ano do Ensino Básico. O objetivo é indagar se os alunos sabem representar, fazer leitura de números e realizar operações, recorrendo ao material matemático, Calculadoras Papy.

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta avaliação foram utilizados os seguintes parâmetros: representação de números, leitura de números, identificação de numerais relativamente à posição e resolução de problemas.

1. Representação de números:

Este parâmetro pretende verificar se o aluno consegue fazer a representação de números nas Calculadoras Papy. Os critérios para definir este parâmetro, foram os seguintes:

- Escreve corretamente o número;
- Escreve corretamente o número até aos milhares;
- Escreve corretamente o número até às centenas;
- Escreve corretamente o número até às dezenas;
- Escreve corretamente o número até às unidades;
- Resposta incorreta.

2. Leitura do número:

Neste parâmetro pretende-se avaliar se o aluno consegue realizar corretamente a leitura de números por ordens. Os critérios definidos para este parâmetro foram:

- Faz a leitura correta por ordens, sem erros ortográficos;
- Faz a leitura correta por ordens, mas com erros ortográficos;
- Faz parte da leitura por ordens;
- Resposta incorreta.

3. Distinção de numerais quanto à sua posição:

Através deste parâmetro pretende-se perceber se o aluno sabe distinguir o número de valor relativo e o número de valor absoluto, escrevendo qual é o número de menor ou maior valor:

- Identifica corretamente os dois valores;
- Identifica corretamente apenas um dos valores;
- Resposta incorreta.

4. Resolução de Problemas: neste parâmetro pretende-se analisar se o aluno desenvolve todas as etapas pretendidas na resolução de um problema. Analisando da seguinte forma:

4.1. Identificação dos dados do problema:

- Representa corretamente os dados dos dois problemas através da indicação;
- Representa corretamente os dados de um dos problemas através da indicação;
- Resposta incorreta.

4.2. Resolução da operação:

- Realiza a operação de forma correta;
- Realiza parte da operação de forma correta;
- Resposta incorreta.

4.3. Resposta ao problema:

- Escreve a resposta completa do problema, sem erros;
- Escreve a resposta completa do problema, com erros;
- Escreve a resposta incompleta do problema;
- Resposta incorreta.

No quadro 12 observa-se de uma forma sintética, os parâmetros e critérios definidos para esta atividade bem como as suas cotações.

Quadro 12 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Matemática

Parâmetros		Critérios		Cotação	
1	1. Representação de números	1.1. Escreve corretamente o número	2	2	
		1.2. Escreve o número até aos milhares	1,6		
		1.3. Escreve o número até às centenas	1,2		
		1.4. Escreve o número até às dezenas	0,8		
		1.5. Escreve o número até às unidades	0,4		
		1.6. Resposta incorreta	0		
2	2. Leitura do número	2.1. Faz a leitura correta por ordens, sem erros ortográficos;	1	1	
		2.2. Faz a leitura correta por ordens, mas com erros ortográficos;	0,5		
		2.3. Faz parte da leitura por ordens	0,3		
		2.4. Resposta incorreta	0		
3	3. Distinção de numerais quanto à sua posição	3.1. Identifica corretamente os dois valores	1	1	
		3.2. Identifica corretamente apenas um dos valores	0,5		
		3.3. Resposta incorreta	0		
4	4. Resolução de Problemas	4.1. Identificação dos dados do problema	4.1.1. Representa corretamente os dados dos dois problemas através da indicação	2	6
			4.1.2. Representa corretamente os dados de um dos problemas através da indicação	1	
			4.1.3. Resposta incorreta	0	
		4.2. Resolução da operação	4.2.1. Realiza a operação de forma correta	2	
			4.2.2. Realiza parte da operação de forma correta	1	
			4.2.3. Resposta incorreta	0	
		4.3. Resposta ao problema	4.3.1. Escreve a resposta completa do problema, sem erros	2	
			4.3.2. Escreve a resposta completa do problema, com erros	1,5	
			4.3.3. Escreve a resposta incompleta do problema	1	
			4.3.4. Não escreve a resposta correta do problema	0	
Total				10	

3.5.3. Apresentação e análise dos resultados

A figura 16 mostra os resultados do dispositivo de avaliação, realizada a 20 alunos da turma do 3.º ano.

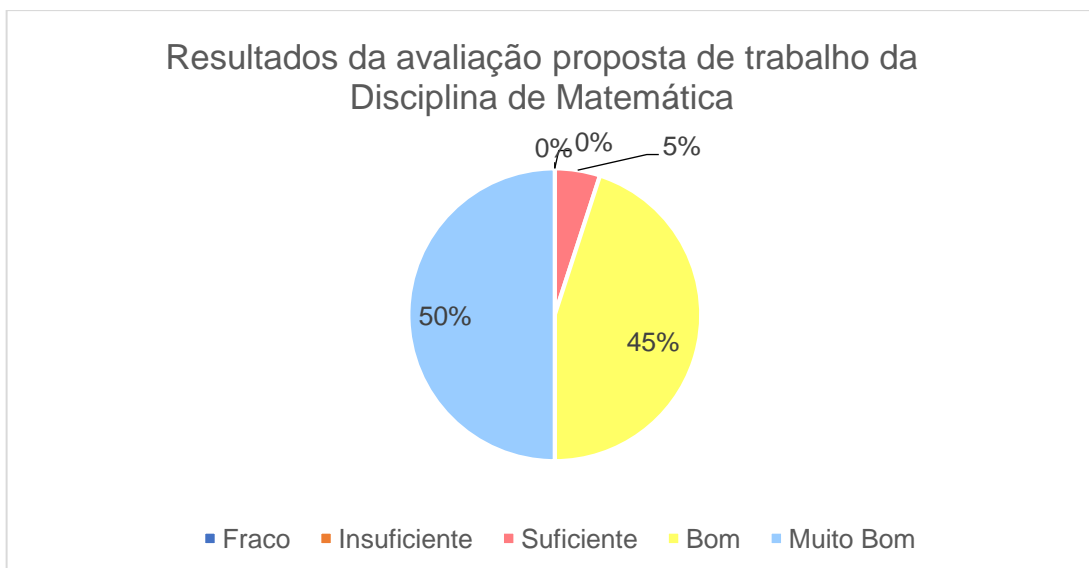


Figura 16 - Resultados da avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Matemática

Através da observação do gráfico (Figura 16) e a grelha de avaliação (Anexo 7), verifica-se que os resultados obtidos estão compreendidos entre o Suficiente e o Muito Bom. Dos 20 alunos que compõem esta turma, 5% dos mesmos obtiveram Suficiente (1 aluno); 45%, corresponde a 9 alunos que obtiveram a classificação de Bom e os restantes 50% (10 alunos) alcançaram a classificação de Muito Bom. Em suma, observo que esta proposta de trabalho teve um resultado positivo, tendo como média 8,4 valores no total de 10 valores, o que corresponde a uma classificação de Bom.

Fiz uma reflexão acerca da proposta de trabalho realizada na turma do 3.º ano e concluo que a média de avaliação da turma foi muito boa, tendo em conta que metade da turma obteve a classificação de Muito Bom e com uma alta percentagem os alunos que obtiveram a classificação de Bom. Registou-se apenas uma avaliação de Suficiente, que corresponde a 1 aluno; não houve classificações de Fraco ou Insuficiente nesta proposta de trabalho. Considero que os objetivos para esta proposta foram conseguidos, isso demonstra que estes conteúdos estão bem consolidados nas aprendizagens dos alunos.

Alsina (2004) defende a utilização dos materiais manipulativos tendo como objetivo permitir “às crianças melhorar a aquisição de competências matemáticas e potenciar o grau de consciencialização dessas aquisições” (p.5), mas devemos ter em conta que a minha proposta de avaliação não foi manipulativa.

Numa primeira etapa, o objetivo era relembrar o sentido de número, verificando se os alunos conseguiam realizar a representação nas Calculadoras Pappy e a leitura de números recorrendo ao mesmo material. É através da representação numérica nas Calculadoras Pappy que os alunos relembram que “cada calculadora representa uma ordem e cada conjunto de três calculadoras equivalem a uma classe” (Caldeira, 2009b, p.347). Como referi

anteriormente, os conceitos estavam bem consolidados, pois os alunos sabiam as regras de utilização deste material.

Através desta proposta também avaliei se os alunos sabiam resolver situações problemáticas de forma correta, utilizando este material matemático estruturado, seguindo todas as etapas do mesmo.

A leitura dos enunciados matemáticos, fazem parte do percurso dos alunos, quer seja de forma oral ou escrita do mesmo, e tem como objetivo “desenvolver a capacidade de resolução de problemas e de observação do mundo e dos seus problemas noutra perspetiva” (Mesquita, 2013, p.18). Os enunciados abrangem as disciplinas de Português e Matemática, na de Português através da capacidade que o aluno tem de interpretar o enunciado, bem como retirar a informação pertinente do mesmo; na disciplina de Matemática através do pensamento matemático que o aluno utiliza para chegar ao resultado do mesmo. Nesta proposta de trabalho os alunos tinham de identificar os dados do problema, podendo alguns fazerem mentalmente, mas o essencial era a forma da escrita; colocando as representações nas Calculadoras Pappy e respondendo à questão problema no resultado.

Relativamente ao processo das operações aritméticas, na adição nas Calculadora Pappy, Caldeira (2009b) afirma que devemos “colocar a representação de todos os números a adicionar; o resultado obtido por debaixo das placas (colocar sempre só uma marca) para podermos ler no fim” (p.351); além de que é aconselhável utilizar marcas de duas cores distintas/desenhos diferentes, fazendo a distinção das duas parcelas e facilitando os respetivos dados da situação problemática.

O desenvolvimento da escrita faz parte da aprendizagem do aluno desde o início do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Por essa razão este é um fator muito importante para que o aluno atinja o sucesso escolar, pois a língua materna está na base das restantes áreas. Barbeiro (2003) defende que a aprendizagem da escrita tenciona aprofundar as capacidades do conhecimento, alargando a possibilidade de construir pontos de vistas individuais e distintos que valorizem a participação do mesmo.

3.6. Avaliação da proposta de trabalho da disciplina de Português – 4.º ano

3.6.1. Contextualização da proposta

A proposta de trabalho é relativa à disciplina de Português, implementada numa turma de 4.º ano, e tendo sido realizada por 18 alunos. Esta proposta de trabalho (Anexo 8), tem como finalidade trabalhar a interpretação do excerto do texto (assinalar a resposta correta e escrever), e o reconhecimento dos graus dos adjetivos.

3.6.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Relativamente à avaliação desta proposta foram utilizados os seguintes elementos de avaliação: Interpretação do texto e graus dos adjetivos.

1. **Interpretação do texto:** Neste parâmetro pretende-se avaliar se o aluno sabe interpretar o excerto do texto, recorrendo à forma de assinalar a escolha correta da resposta e escrita. Seguindo os seguintes parâmetros:

1.1.

- Seleciona corretamente as duas respostas;
- Seleciona corretamente uma resposta;
- Respostas incorretas.

1.2.

- Escreve a resposta corretamente sobre a inferência da História de Portugal, sem erros ortográficos;
- Escreve a resposta corretamente sobre a inferência da História de Portugal, com erros ortográficos.

1.3.

- Justifica corretamente, fazendo uma transcrição, sem erros ortográficos;
- Justifica corretamente, fazendo uma transcrição, com erros ortográficos;
- Resposta incorreta.

2. **Graus dos adjetivos:** Pretende-se através deste parâmetro, perceber se o aluno consegue identificar alguns dos graus dos adjetivos: Foram definidos quatro parâmetros de avaliação para esse efeito:

- Escreve corretamente três frases utilizando os adjetivos pedidos;
- Escreve corretamente duas frases utilizando os adjetivos pedidos;
- Escreve corretamente uma frase utilizando os adjetivos pedidos;
- Resposta incorreta.

Quadro 13 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Português

	Parâmetros	Critérios		Cotação	
1	1. Interpretação do texto	1.1.	1.1.1 Seleciona corretamente as duas respostas	1	5,5
			1.1.2. Seleciona corretamente uma resposta	0,5	
			1.1.3. Respostas incorretas	0	
		1.2.	1.2.1. Escreve a resposta corretamente sobre a inferência da História de Portugal, sem erros ortográficos	2	
			1.2.2. Escreve a resposta corretamente sobre a inferência da História de Portugal, com erros ortográficos	1	
			1.2.3. Resposta incorreta	0	
		1.3.	1.3.1. Justifica corretamente, fazendo uma transcrição, sem erros ortográficos	2,5	
			1.3.2. Justifica corretamente, fazendo uma transcrição, com erros ortográficos	1,5	
			1.3.3. Resposta incorreta	0	
2	2. Graus dos Adjetivos	2.1. Escreve corretamente três frases utilizando os adjetivos pedidos	4,5	4,5	
		2.2. Escreve corretamente duas frases utilizando os adjetivos pedidos	3		
		2.3. Escreve corretamente uma frase utilizando os adjetivos pedidos	1,5		
		2.4. Resposta incorreta	0		
Total				10	

3.6.3. Apresentação e análise dos resultados

A figura 17 apresenta os resultados da avaliação da disciplina de Português elaborada a 18 alunos de uma turma de 4.º ano.

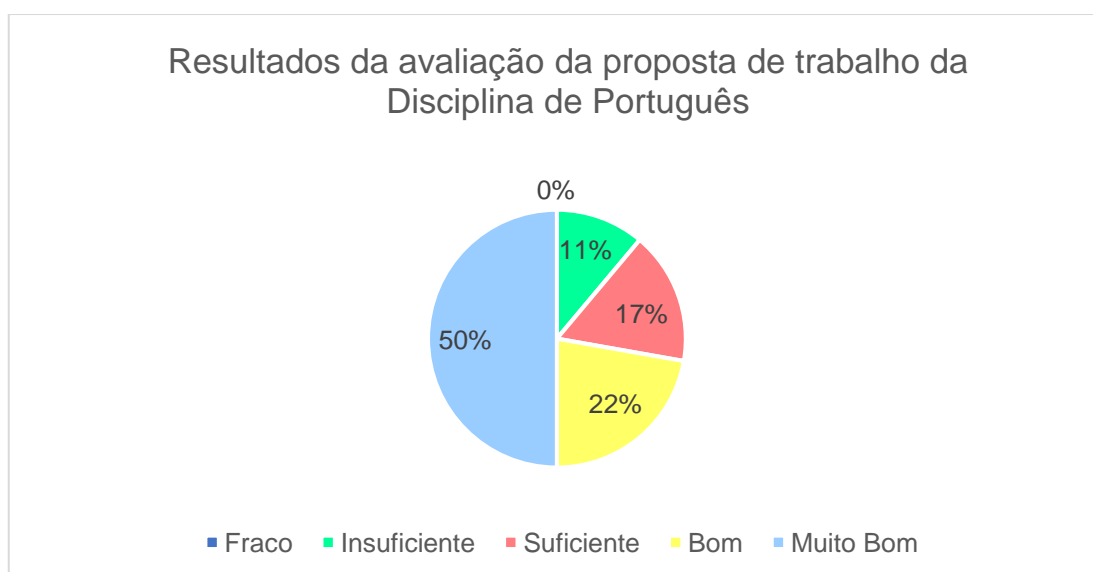


Figura 17 - Resultados da avaliação da proposta de trabalho da Disciplina de Português

Após a observação feita ao gráfico (Figura 17) e à grelha de avaliação (Anexo 9) verifico que os resultados alcançados pela turma estão compreendidos entre o Insuficiente e o Muito Bom. Pormenorizando as avaliações, obtivemos os seguintes resultados: 11% atingiram a classificação de Insuficiente (2 alunos); 17% correspondente à classificação de 3 alunos; 22% correspondente a 4 alunos que tiveram Bom; e os restantes 9 alunos, que corresponde a 50% tiveram a classificação máxima de Muito Bom. Fazendo uma análise de resultados, foi um balanço positivo, tendo como média 8,1 valores em 10 valores, que corresponde à classificação de Bom. Ao refletir sobre a proposta de trabalho realizada no 4.º ano do Ensino Básico, constatei que 50% da mesma obteve a classificação de Muito Bom, e os restantes não tiveram avaliações iguais ou semelhantes por distração. Esta turma teve um bom desempenho na proposta de trabalho apresentada.

Tendo em consideração as classificações obtidas, considero que a maior dificuldade existente foram os erros ortográficos e a distração em relação à leitura e à escrita, levando os alunos a responder de forma incorreta. A competência ortográfica é uma capacidade que abrange uma competência linguística que tem em conta o desenvolvimento do princípio alfabético, isto é, reconhecer e produzir os sons de cada letra fazendo a correspondência entre as mesmas.

Lopes (2011) afirma existirem vários tipos de erros, mas realça dois, sendo estes os erros fonéticos e os erros linguísticos. Os erros fonéticos alteram o aspeto fonético das palavras e são erros visuais, auditivos ou motores; os erros linguísticos são de morfologia verbal, ou seja, falhas a nível das formas verbais.

Escrever é um ato solitário e como tal é necessário a concentração máxima para que esses erros sejam suprimidos. As distrações fazem com que não tenhamos sucesso total no que estamos a executar. Wiens (2020) afirma que “uma boa capacidade de concentração ajuda-nos a ser bem-sucedidos” (p.41), bem como “as distrações constantes e a falta de tempo nos quebram a concentração, mas o *stress* também é um fator determinante” (p.42). Além destas razões enumeradas, sabemos que o cansaço, a má alimentação e a seleção do ambiente também são fatores a ter em conta.

No que diz respeito ao exercício que pede para justificar corretamente fazendo uma transcrição sem erros ortográficos, a maioria dos alunos fez várias transcrições. Neste caso eu tinha pedido apenas uma transcrição, por essa razão deviam ter selecionado qual seria a frase do texto que melhor caracterizava a Revolução do 25 de abril de 1974.

Em seguida, relativamente ao tema dos adjetivos, é um conteúdo que é lecionado desde o 1.º ano do Ensino Básico, segundo as AE (2018f) da disciplina de Português do 4.º ano, e os alunos devem “reconhecer a flexão nominal e adjetival quanto ao número e grau” (p.12). Os alunos fazem o reconhecimento dos adjetivos, e alteram-no consoante o tipo de grau.

Capítulo 4 – Proposta de um Trabalho de Projeto

Plantas Autóctones

4.1. Introdução ao tema do projeto

A temática fundamental deste projeto são as plantas autóctones. De acordo com as AE (2018a) os alunos devem identificar nas plantas, o tipo de raiz, caule, folha (caduca/persistente), cor da flor, fruto, semente, entre outros; devem também relacionar as características dos seres vivos com o seu habitat, e relacionar as mesmas com as ameaças à biodiversidade. A Educação Ambiental é uma temática muito versátil, nos dias de hoje, e como ciência que é, está em constante desenvolvimento.

Afonso (2008) expõem a ideia de que as ciências são fundamentais para a construção de conhecimentos, capacidades e atitudes básicas, hábitos de pensamento e algumas rotinas de pesquisa, essenciais à compreensão mais profunda e abrangente no futuro.

Esta temática para mim é particularmente interessante porque é acerca de um tema que está sempre em nosso redor. As plantas são seres vivos que fazem parte do nosso quotidiano e têm grande importância ecológica, pois ao realizarem a fotossíntese, fazem a fixação de Dióxido de Carbono (CO₂) atmosférico, libertando Oxigénio (O₂) e produzem o seu próprio alimento, constituindo as bases das cadeias alimentares.

O trabalho de projeto está dividido em várias partes. Primeiramente com a fundamentação teórica, uma vez que é importante abordar a temática de forma clara e enriquecedora do conteúdo das plantas autóctones. Posteriormente, irei apresentar o desenvolvimento do projeto que está dividido em várias partes. E por fim apresentarei as considerações finais.

Relativamente a um projeto ambiental, de acordo com Carapeto, Alves e Caeiro (1998), as crianças devem atingir alguns objetivos, tais como:

- Identificar a terminologia;
- Diferenciar conceitos de ecologia e ambiente;
- Identificar necessidades fisiológicas e etológicas dos organismos;
- Descrever diversos tipos de relações entre populações.

Esta temática em concreto, das plantas autóctones e exóticas não é abordada em concreto nas AE (2018), mas de acordo com este documento, no 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, as crianças devem categorizar os seres vivos, sendo estes animais ou plantas e descrever cada um deles; relacionar os seres vivos com o seu *habitat*;

compreender a dependência dos seres vivos uns dos outros, havendo uma cadeia alimentar; reconhecer a importância da preservação da natureza; relacionar os fatores do ambiente (ar, luz, temperatura, água e solo) com condições indispensáveis a diferentes etapas da vida das plantas e dos animais, através de atividades experimentais; identificar os diversos tipos de solo.

O trabalho experimental, segundo Afonso (2008) “é um dos pilares da ciência e argumentam que a formação científica sem trabalho experimental falha em reflectir a verdadeira natureza da actividade científica” (p.21).

Este trabalho tem como objetivo atingir a população mais jovem pois são o futuro e devemos melhorar e preservar a qualidade do ambiente, fazendo uma sensibilização ambiental através de um ser vivo que nos é imprescindível, sendo estas as plantas.

4.2. Fundamentação teórica

4.2.1 Metodologia do trabalho de projeto

Um trabalho de projeto é, de acordo com Gambôa (2011), “uma forma inovadora, flexível, capaz de atender a um só tempo aos interesses que fazem o mundo da criança e às finalidades e competências estabelecidas como desejáveis para as crianças e jovens de hoje” (p.49), complemento também que este é um meio para a autonomia e para a participação dos alunos. Kilpatrick (1971, como citado em Gambôa, 2011), afirma existir uma estrutura padrão acerca do projeto, sendo estes:

1) devemos começar por onde estão os interesses dos alunos; 2) o problema deve ser depois analisado, clarificando-se objetivos e hipóteses; 3) um ou mais planos de ação-pesquisa emergirão, escolhendo-se o que parece ser capaz de melhor responder à situação-problema e às possibilidades de conduzir a pesquisa; 4) o desenvolvimento da pesquisa e a testagem constante da sua operativa conduzirão a uma resposta-solução; 5) a conclusão deve reconstruir uma visão global do ser adquirido nas diversas fases, possa ser afinal reunido ao seu ramo lógico, a fim de formar um todo (p.57).

Desde tenra idade é importante promover o desenvolvimento intelectual da criança e consequentemente a prática educativa da mesma. Os alunos devem desenvolver atitudes favoráveis à pesquisa de forma a favorecer a investigação e a formação científica. Afonso (2008) afirma que deve existir: atitude interrogativa, espírito de abertura, reflexão crítica, perseverança, espírito de cooperação e criatividade.

Sá e Varela (2004) afirmam a importância da prática de aprendizagens nas ciências através das experiências dos alunos e dos docentes, colocando questões para que exista uma reflexão prática sobre a mesma, além do mais, é importante desenvolver com os alunos “a base mínima de segurança para se dar o primeiro passo na nova aventura do ensino experimental” (p.109). Os mesmos autores afirmam a importância da prática reflexiva dos

alunos “é estimulada e desenvolvida em contexto dos conteúdos curriculares ensinados na sala de aula, através de actividades genuínas, apelativas e significativas” (p.35).

4.3. A escolha do tema

Plantas autóctones

A escolha deste tema foi feita pelo interesse próprio que tenho pelo mesmo. O objetivo é estudar a adaptabilidade das plantas autóctones num ambiente agradável. Para além de observar o crescimento, também podemos analisar se é novamente plantada noutra local, neste caso, no seu meio ambiente, se o ato é bem-sucedido ou não.

Cerezo (1997) afirma “as plantas realizam todas as funções de um ser vivo e integram-se plenamente no ciclo vital da matéria, mas estes fenómenos não são observáveis por uma criança, à primeira vista”, por essa razão, a criança necessita do adulto para entender processos como respiração, alimentação, reprodução, entre outros.

De acordo com Martins (2019), relativamente às condições climatéricas mediterrânicas de Lisboa várias questões se colocam, sendo uma das mais prementes a da ponderação entre os benefícios das coberturas verdes e os custos da implementação e funcionamento dos sistemas de rega associados à sua utilização, em especial durante os meses quentes e secos.

Relativamente às plantas autóctones definem-se como “oriundas da região onde ocorrem, desenvolvendo-se e propagando-se naturalmente nessa região.” (Martins, 2019, pp.23-24). Estas plantas, segundo o mesmo autor, também são caracterizadas pela fácil adaptação aos climas em que são naturais, maior resistência nas oscilações climáticas, baixos consumos de glicose, reduzida manutenção, integrável na paisagem e contribui para o desenvolvimento dos ecossistemas.

4.4. Desenvolvimento do projeto

4.4.1. Problema:

- De que modo é que as plantas exóticas afetam as plantas autóctones?

4.4.2. Problemas parcelares:

- O que são plantas autóctones?
- Quais são as plantas autóctones portuguesas?
- O que são plantas exóticas?

- Quais as influências das espécies exóticas na comunidade natural/ecossistemas?
- Em que locais são predominantes as plantas exóticas?

4.4.3. Destinatários

Este projeto destina-se aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente os alunos do 3.º ano de escolaridade.

4.4.4. Entidades Envolvidas

Entidades envolvidas para a realização do projeto são:

- Mercado biológico de plantas;
- Instituições/ empresas de materiais recicláveis.

4.4.5. Motivação e Negociação

No presente projeto é fundamental motivar os alunos para o mesmo e sensibilizá-los para a sua importância, tendo em consideração as seguintes ações:

- Sensibilização para o tema;
- Reflexão sobre o mesmo;
- Abordar os problemas parcelares;
- Eleição de um chefe de turma e distribuir tarefas pelos restantes colegas da mesma.

4.4.6. Objetivos Gerais

- Promover a cooperação;
- Promover a pesquisa autónoma (O que pesquisar?; Como selecionar a informação correta; Onde pesquisar?);
- Desenvolver o sentido de responsabilidade em relação ao planeta Terra;
- Promover a interdisciplinaridade;
- Promover a capacidade de resolver problemas;
- Promover o trabalho de campo/ a atividades experimental;
- Envolver a comunidade escolar no projeto.

4.4.7. Objetivos Específicos

- Consciencializar as crianças para a necessidade de preservar o ambiente;
- Reconhecer os espaços verdes em Portugal Continental;
- Conhecer e identificar as plantas autóctones predominantes;
- Identificar o ambiente adequado para as plantas autóctones devido ao aumento da sua distribuição;
- Conhecer as plantas exóticas e quais os problemas adversos;
- Identificar o benefício das plantas autóctones.

4.4.8. Planeamento

1.ª Fase – Recolha de informação e tratamento da mesma:

Numa primeira fase pretende-se que os alunos recolham informação sobre a temática do projeto, sendo esta as plantas autóctones. Os alunos devem chegar ao problema do projeto através da pesquisa realizada através de livros, revistas, sites, ou visitas de grupo.

Em concordância com Vasconcelos et al., (2011) relativamente ao desenvolvimento do trabalho, é necessário formular o problema a investigar, qual o assunto a ser estudado. Deve-se partilhar os saberes já possuídos acerca do assunto abordado. Assim como os alunos conversam em pequeno ou grande grupo, podendo desenhar, esquematizar e escrever, tudo com o auxílio de um adulto. Este método vai desenvolver a capacidade de autonomia na pesquisa, decisão e debate dos ideais.

Helms (2010, como citado em Vasconcelos, 2011) afirma que deve partir de um conhecimento base acerca do tema “o que sabemos”. Podemos dar alguns exemplos de plantas autóctones em Portugal, como refere o Departamento de Gestão e Produção Florestal: a alfazema, o castanheiro, sobreiro, pinheiro e estevinha.

2.ª Fase – Abordar os conceitos importantes e sensibilizar para a importância destas plantas:

Nesta segunda fase é importante planear de forma a chegar a algumas etapas específicas desse projeto. Inicialmente devem ser revistos conceitos básicos acerca das plantas como por exemplo, o reino a que pertencem, órgãos constituintes e as suas funções e a reprodução. Através da conversação, é previsto existirem questões como refere Vasconcelos et al., (2011), “quem faz o quê? Organizam-se os dias, as semanas; inventam-se recursos: quem pede ajuda? ... Que recursos pode oferecer a comunidade?” (p.15). Após este momento deve existir um aprofundamento acerca da importância das plantas, tendo como exemplo uma visita de estudo ao Jardim Botânico de Lisboa.

3.ª Fase – Executar o trabalho de campo:

Após a recolha de algum material (como por exemplo: terra, planta, material reciclável para fazer de suporte para a planta, e pesticidas se for o caso), é necessário cultivar plantas autóctones em sala de aula. O trabalho de campo sobre lavar as plantas, de tamanho pequeno, é um “laboratório de pesquisa” e de reflexão. Com este trabalho irei desenvolver capacidades como responsabilidade, disciplina, organização e cooperação entre colegas do projeto, já que este precisa da interação de todos os alunos. Os alunos como refere Vasconcelos et al., (2011) “desejam saber; organizam, seleccionam e registam informação: desenham tiram fotografias, criam textos” (p.16) sempre ao longo deste processo, para terem a perceção do que sabiam antes e do que sabem neste momento.

Destaco também a importância da existência de guias práticos (Cerezo, 1997) que ajudam no processo de cultivar a planta na terra, sabendo qual a melhor altura para o fazer e que outros cuidados devemos ter com as mesmas.

4.ª Fase – Exploração e observação do crescimento e os benefícios para a saúde:

Relativamente a esta fase, os alunos já estando incluídos dentro da temática, por isso devem observar ao pormenor a evolução e reação das plantas, fazendo registos através de desenhos, de gráficos e até produções escritas. Pereira (2002) diz que é importante existirem registos pois este são “processos de estruturar o pensamento, de dar-lhe forma, de apreendê-lo e de materializá-lo” (p.103), bem como permite que o aluno volte atrás num curto ou longo espaço de tempo e reveja o que fez, de que forma pensou, fazendo uma comparação das duas ideias, da anterior e da posterior.

Depois os alunos devem elaborar uma nova pesquisa, tendo neste momento em consideração o que foi plantado, explorando quais os benefícios dessa planta em concreto para a sociedade. No final, todos os alunos irão elaborar em conjunto, um projeto para apresentar à escola no Dia Internacional das Plantas, que é no dia 18 de maio, inclusive onde os alunos iram apresentar as plantas.

5.ª Fase – Colocar as plantas no seu meio:

No final do projeto, todos os alunos envolvidos irão plantar novamente estes seres vivos no seu meio ambiente. Este momento será elaborado em pequenos grupos, e cada grupo irá plantar novamente no local escolhido pelos mesmos, para que a planta se desenvolva.

4.4.9. Recursos

4.4.9.1. Recursos humanos:

- Comunidade educativa (alunos, professores, diretor/a da escola);
- Motorista;
- Jardineiro.

4.4.9.2. Recursos materiais:

- Ferramentas para a plantação (Como por exemplo: ancinho, pá, tesoura de poda, regador, balde, luvas);
- Terra;
- Fertilizantes/ adubos;
- Plantas em tamanho pequeno;
- Carrinha de transporte;
- Computador;
- Livros;
- Papel;
- Materiais recicláveis.

4.4.10. Produtos finais

O produto final deste projeto é o cultivo de plantas autóctones desenvolvido pelos alunos participantes neste projeto, bem como pelas restantes entidades envolvidas no mesmo. Este projeto também incluiu uma projeção do tema à escola no Dia Internacional das Plantas, e por fim o cultivar novamente as mesmas no seu meio ambiente.

4.4.11. Avaliação

4.4.11.1. Do processo:

No decorrer deste processo, a avaliação é feita através do diálogo com as crianças e professores. No final do projeto, cada aluno irá escrever a sua autoavaliação acerca do mesmo, e de acordo com Lopes e Silva (2020) quando os alunos trabalham com o objetivo de trabalho realizado com êxito, é importante estarem “conscientes quer dos objetivos do seu trabalho, quer do que significa completá-lo com sucesso (critérios de sucesso), e que a isso

sejam incentivados, bem como a avaliar o seu progresso” e neste último aspeto, eles são bastante sinceros e justos (p.29).

4.4.11.2. Do produto final:

É pertinente perceber se as estratégias utilizadas ao longo do projeto foram eficazes, assim como quais as dificuldades e sugestões que os alunos gostariam de assinalar. Os alunos farão a plantação das plantas no seu meio ambiente.

4.5. Calendarização

O quadro 14 representa a calendarização do projeto.

Quadro 14 – Cronograma do trabalho de projeto

Calendarização do projeto “Plantas autóctones”											
Períodos	1.º				2.º				3.º		
Mês	09	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7
Tarefas											
Motivação e Negociação											
1ª Fase											
2ª Fase											
3ª Fase											
4ª Fase											
5ª Fase											
Avaliação											

4.6. Considerações finais do Trabalho de Projeto

Após a elaboração deste trabalho de projeto em relação às plantas autóctones, posso concluir que a elaboração do mesmo e a colocação em prática seria um desafio pessoal pois requer muito tempo e dedicação ao mesmo, pois é um trabalho extra e ao longo de todo o ano letivo.

Apesar dessa particularidade, posso afirmar que elaborar um projeto com toda a turma é muito importante, e desenvolve inúmeros aspetos nos alunos, pelo facto de ser um trabalho

de campo. É também desde tenra idade que as crianças devem ser estimuladas pois são os responsáveis pela mudança do futuro do nosso planeta.

Cerezo (1997) diz que o trabalho em sala de aula com as plantas deverá ser um estudo contínuo, ao longo de um período letivo, abordando de diversas formas, utilizando metodologias “observação das plantas ao natural”; fazendo “experiências com plantas na sala e no lar” e descrever de forma “verbal das peculiaridades da planta” (p.511).

Afirmo que na educação, e no que diz respeito à descoberta, o interesse deve sempre partir dos alunos, sendo a professora a pegar nessa ideia e concretizá-la com as mesmas. É importante que estas participem no processo de pesquisa e elaboração do projeto porque vai alargar os seus conhecimentos e fortalecer outras competências. Termino com uma citação de Boaventura e Caldeira (2018) que falam da importância dos alunos se envolverem em projetos científicos e matemáticos “torna-se essencial e primordial o enriquecimento da educação escolar para todos. Qualquer cidadão tem o direito a desenvolver-se e a preparar-se para participar, de forma informada e racional, nos empreendimentos científico, matemático e tecnológico que marcam o percurso da sua vida a nível pessoal, profissional e social (p.34).”

Considerações Finais

Termino agora a grande aventura que iniciei nesta instituição, Escola Superior de Educação João de Deus, em 2017. Agradeço todos os momentos vividos nesta etapa da minha vida. Neste relatório descrevo algumas ocasiões que vivenciei enquanto estagiária ao longos destes cinco anos. Não relata apenas as atividades observadas, mas todas as atividades planificadas e todo o trabalho que foi colocado na retaguarda deste período. Destaco conceitos importantes como a escola, o ensino e a prática pedagógica, pois segundo (Morgado, 2004), “A escola visa promover o ensino, a aprendizagem e a formação de indivíduos.” (p.21)

Também de acordo com Day (2004), “o ensino é uma profissão orientada por valores” através das mudanças no crescimento dos alunos e na melhoria da sociedade (p.44). Detaco ainda Formosinho e Niza (2009) que afirmam que a prática pedagógica é uma componente fundamental deste curso que tem como finalidade:

iniciar formalmente os alunos no mundo da prática profissional docente e concretiza-se através de atividades diferenciadas ao longo do curso e em períodos de duração crescente e de responsabilização progressiva, completando-se com uma fase de responsabilização pela docência, designada por estágio (p.128).

Mosqueira e Almeida (2017) abordam a importância da supervisão pedagógica, referindo que “é essencial que tenhamos consciência que a supervisão consiste em orientar a formação do professor, sendo esta exercida por um docente (supervisor) à partida mais experiente e informado, onde se estabeleça uma relação de empatia, confiança, cooperação, partilha, abertura e reflexão.” (p.30)

É fenomenal ter tido a oportunidade de começar a estagiar desde o 1.º ano em que iniciei a Licenciatura. O Decreto de Lei 66/2011 menciona que o estágio profissional equivale à “formação prática em contexto de trabalho que se destina a complementar e a aperfeiçoar as competências do estagiário, visando a sua inserção ou reconversão para a vida activa de forma mais célere e fácil.” Existem medidas que permitem a valorização profissional das pessoas a quem são destinados bem como potenciam o desenvolvimento de atividades/aulas inovadoras, tendo novas competências profissionais, contribuindo para a modernização e desenvolvimento do país. A elaboração do relatório, aliado à observação, à prática e à pesquisa, contribuíram para o meu crescimento a nível pessoal e profissional.

Um dos desafios que enfrentei, e gostava de destacar, foi a pandemia COVID-19, visto que esta dificultou a realização de estágio, bem como a procura de fundamentação teórica para fundamentar o relatório. Foi um desafio superado no final do processo, através das pesquisas realizadas na biblioteca na Escola Superior de Educação João de Deus, apesar de

por vezes não conseguir obter as edições mais recentes. Outro desafio com que me deparei, foi a utilização de plataformas digitais, como o da *plataforma Zoom*. Além da criação de conteúdos para as atividades tornarem-se dinâmicas, através do computador, retirou todo o prestígio ao docente, bem como a magia nela colocada. O domínio tecnológico nunca me deixou muito confortável, mas graças à pandemia tenho explorado cada vez mais este campo.

Tudo tem um lado menos bom, mas devemos prevalecer sempre o lado positivo. Considero que todos estes e outros desafios que não referi foram importantes ao longo deste processo, fazendo com que eu futuramente disponha de mais ferramentas para enfrentar novos desafios.

Como futura docente, espero tornar-me numa profissional competente, responsável e que estimule a aprendizagem dos alunos. Contudo reconheço que o trabalho do docente “é complexo e ocorre em contextos que são exigentes (em termos de conhecimentos, gestão da sala de aula e destrezas de ensino) e emocional e intelectualmente desafiadores” (Day, 2004, p.38). A aprendizagem vai-se realizando com os erros, pois de acordo com Lopes e Silva (2011), referem que os docentes iniciantes não são “produtos acabados”, mas sim o início de um percurso longo e diferenciado ao nível do desenvolvimento profissional. Somos seres humanos e por conseguinte, o erro faz parte do nosso percurso, “o ser humano evolui ao longo da sua vida.” (p.105)

Morgado (2004) fala sobre a colaboração que deve existir entre pares, afirmando: “nenhum profissional, de forma isolada, será capaz de lidar eficazmente com a multiplicidade e diversidade das necessidades educativas, sociais e psicológicas de um grupo” (p.44), e creio que as mesmas se baseiam num respeito mútuo das capacidades, perspetivas e conhecimentos de cada pessoa.

Refletindo sobre as minhas aprendizagens ao longo do meu percurso, considero que um professor de excelência está em constante aprendizagem, ao mesmo tempo que reflete sobre as suas práticas profissionais.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L., & Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Afonso, M. M. (2008). *A educação científica no 1.º ciclo do ensino básico: Das teorias às práticas*. Porto: Porto Editora.
- Aires, A.P., & Campos, H. (2011). Construção intuitiva do conceito de medida. In Palhares, P., Gomes, A. & Amaral, E. (Coord.), *Complementos da matemática para professores do ensino básico* (pp. 47-62). Lisboa: Lidel.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2016). *Supervisão da prática pedagógica – Uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, SA.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos: Para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.
- Alves, F. L., & Caeiro S. (1998). *Educação ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Antunes, N. L. (2018). *Sentidos*. Alfragide, Portugal: Lua de Papel.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Editora McGraw-Hill, Lda.
- Azevedo, F., & Balança, A. (2016). Educação literária e formação de leitores. In Azevedo, F. & Balança, A. (Coord.), *Literatura e educação literária* (pp.1-13). Lisboa: Pactor.
- Barbeiro, L. (2003). *Escrita: Construir a Aprendizagem*. Braga: Universidade do Minho.
- Barbosa, A., & Vale, I. (2018). As dobragens como uma estratégia de aprendizagem ativa. In Alves, D., Pinto, H. G., Dias, I. S., Abreu, M. O., & Muñoz, R. G. (Org.). VII Conferência Internacional Investigação, Práticas e Contextos em Educação. (pp. 83-92) Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Instituto Politécnico de Leiria.
- Bastos, G. (2006). *O teatro para crianças em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Bauer, P. J., & Pathman, T. (2008). *Memória e desenvolvimento inicial do cérebro*. Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância. Recuperado de <https://www.encyclopedia-crianca.com/pdf/expert/cerebro/segundo-especialistas/memoria-e-desenvolvimento-inicial-do-cerebro>
- Bivar, A., Grosso, C., Oliveira, F., & Timóteo, M. C. (2013). *Programa de matemática – Ensino Básico*. Lisboa: MEC. Recuperado de

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Matematica/programa_matematica_basico.pdf

- Boaventura, D., & Caldeira, M. F. (2018). Literacias científica e matemática: Na educação pré-escolar e no ensino do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 6,32-45. Recuperado de http://www.joaodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_6.pdf
- Bolhão, A. F. J. (2013). *Contribuição do estágio curricular para a formação académica e profissional dos estagiários: Estudo de caso numa instituição de ensino superior*. (Dissertação de Mestrado inédita). Instituto Superior Miguel Torga, Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional. Recuperado de http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/321/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Ana_Bolh%C3%A3o.pdf
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programas e metas de português do ensino básico*. Lisboa: MEC. Recuperado de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf
- Caldeira, M. F. (2009b). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F., Pereira, P. C., & Silveira- Botelho, T. (2017). Supervisão e avaliação da prática profissional no ensino superior. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4,47-68. Recuperado de http://www.joaodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_4.pdf
- Canavarro, A. P., & Santos, L. (2012). Explorar tarefas matemáticas. In Canavarro, A. P., Santos, L., Boavida, A. M., Oliveira, H., Menezes, L. &Carreira, S., *Investigação em educação matemática – Práticas de ensino da matemática* (pp. 99- 104). Lisboa: Sociedade portuguesa de investigação em educação matemática.
- Carapeto, C. (Coord.), Alves, F. L., Caeiro, S. (1998). *Educação Ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cardona, M. J. (Coord.), Silva, I. L., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e avaliar na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Direção-Geral da Educação (DGE). Recuperado de <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/planearavaliar.pdf>

- Castro, J. P., & Rodrigues, M. (2009). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação (ME). Recuperado de https://www.esev.ipv.pt/mat1ciclo/textos/sent_num_net.pdf
- Cerezo, S. S. (Dir) (1997). *Enciclopédia de educação infantil: Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*. Vol. II. Rio de Mouro, Portugal: Nova Presença.
- Circular n.º: 4 /DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril. Recuperado de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/circular_avaliacao_ep_e.pdf
- Cohen, A. C., & Fradique, J. (2018). *Guia da autonomia e flexibilidade curricular*. Lisboa: Raiz Editora.
- Comissão Europeia. (s.d.). *A política de multilinguismo*. Recuperado de <https://education.ec.europa.eu/pt-pt/a-politica-de-multilinguismo>
- Cordeiro, M. (2015). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera Livros.
- Cordeiro, M. (2015). *O livro da criança*. (8.ª edição). Cacém, Portugal: A Esfera dos Livros.
- Cosme, A., Ferreira, D., Sousa, A., Lima, L., & Barros, M. (2020). *Avaliação das aprendizagens – Propostas e estratégias de ação*. Porto: Porto Editora.
- Cosme, A. (2018). *Autonomia e flexibilidade curricular: Propostas e estratégias de ação*. Porto: Porto Editora.
- Costa, I. C. (2016). *A música no jardim de infância*. Projeto da câmara municipal do porto. Recuperado de <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2338/3/ebook.pdf>
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Day, C. (2004). *A paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editores.
- Decreto de Lei n.º 20-H/2020, de 14 de maio.
- Decreto de Lei n.º 3-C/2021, de 22 de janeiro.
- Decreto de Lei n.º 66/2011, de 1 de junho.
- Departamento de Gestão e Produção Florestal (s.d.) *Espécies arbóreas indígenas em portugal continental*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Recuperado de <https://www.icnf.pt/api/file/doc/2ed27ed862242e3e>

Despacho normativo n.º 1-F/2016, 5 de abril.

Deus, M. L. (1997). Guia prático da cartilha maternal. Lisboa: Associação de Jardins-Escola João de Deus.

Direção Geral da Educação [DGE]. (2021). *Ensino a distância*. Recuperado de <https://www.dge.mec.pt/ensino-distancia-0>

Direção Geral de Educação [DGE] (2018a). *Aprendizagens essenciais. 3.º Ano, 1.º ciclo do ensino básico, estudo do meio*. Lisboa: autor. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf

Direção Geral de Educação [DGE]. (2018b). *Aprendizagens essenciais. 1.º ciclo do Ensino básico, educação artística – artes visuais*. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1_c_artes_visuais.pdf

Direção Geral de Educação [DGE]. (2018c). *Aprendizagens essenciais. 3.º ano, 1.º ciclo do ensino básico, português*. Lisboa: autor. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

Direção Geral de Educação [DGE]. (2018d). *Aprendizagens essenciais. 1.º ciclo do Ensino básico, educação artística – expressão dramática/teatro*. Lisboa: autor. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1_c_teatro.pdf

Direção Geral de Educação [DGE]. (2018e). *Aprendizagens essenciais. 1.º ano, 1.º ciclo do ensino básico, português*. Lisboa: autor. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ae_1.o_ano_1o_ciclo_eb_portugues.pdf

Direção Geral de Educação [DGE]. (2018f). *Aprendizagens essenciais. 4.º ano, 1.º ciclo do ensino básico, português*. Lisboa: autor. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_4a_ff.pdf

Direção Geral de Saúde (DGS). (2021a). *Estado de emergência*. Recuperado de <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/covid-19/estado-de-emergencia/#sec-0>

- Direção Geral de Saúde (DGS). (2021a). Estado de Emergência. Recuperado de <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/covid-19/estado-de-emergencia/#sec-0>
- Direção Geral de Saúde. (DGS). (2021b). *Medidas preventivas*. Recuperado de <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/covid-19/prevencao/medidas-preventivas/>
- Dyson, A. H., & Genishi, C. (2002). Perspetivas das crianças enquanto utilizadoras da língua: A língua e o ensino da língua na educação de infância. In B. Spodek (Org.), *Manual de investigação em educação de infância* (pp. 265-300). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Flores, M. A., Alves, M. P., & Machado, E. A. (2018). Para uma leitura transversal das políticas de avaliação das aprendizagens- entre um regime de tensões e as possibilidades de mudança. In Flores, M. A., Machado, E. A. & Alves, M. P., *Avaliação das aprendizagens e sucesso escolar – Perspetivas internacionais* (pp7-14). Santo Tirso, Portugal: De Facto Editores.
- Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte
- Formosinho, J., & Niza, S. (2009). Iniciação à prática profissional nos cursos de formação inicial de professores. In Formosinho, J (Coord.), *Formação de professores. Aprendizagem profissional e acção docente*. (pp.119-139). Porto: Porto Editores.
- Formosinho, J. O., Gambôa, R. G. (org.) Formosinho, J., & Costa, H. (2011). *O trabalho de projeto na pedagogia-em-participação*. Infância. Porto: Porto Editores.
- Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D., & Lino, D. (1996). A educação pré-escolar – A construção social da moralidade. Lisboa: Texto Editora.
- Galvão, C., Reis, P., Freire, S., & Faria, C. (2011). Ensinar ciências, aprender ciências – O controlo do projeto internacional PARSEL para tornar a ciência mais relevante para os alunos. Porto: Porto Editora LDA.
- Gambôa, R. (2011). Pedagogia-em-participação: Trabalho de projeto. In J. Oliveira Formosinho & R. Gambôa (Orgs.), *O trabalho de projeto na pedagogia-em participação*. (pp. 47 - 81). *Coleção Infância*. Porto: Porto Editora.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo – Das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.

- Infopédia. (2021). Significado de avaliar. Recuperado de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/avaliar>
- Jorge, N. (2019). A síntese como género escolar transdisciplinar. *Revista portuguesa de educação*, 32(2), pp. 150-170. doi: 10.21814/rpe.15140. Recuperado de <file:///C:/Users/Maria/Downloads/15140-Texto%20do%20Trabalho-68919-1-10-20191231.pdf>
- Kirschner, P. A., & Neelen, M. (2020). Aprender enquanto se brinca não é só brincadeira. *Iniciativa de educação*. Recuperado de <https://www.iniciativaeducacao.org/pt/ed-on/ed-on-artigos/aprender-enquanto-se-brinca-nao-e-so-brincadeira/referencias>
- Leite, S. A. (2013). A leitura em voz alta como sonho desperto. 10.º Encontro AREAL de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Lisboa, Portugal.
- Lisboa, E. (s.d.). Animais de estimação educativos: um aliado ao desenvolvimento das crianças. *Sapo*. Recuperado de <https://maemequer.sapo.pt/desenvolvimento-infantil/desenvolvimento-fase-a-fase/animais-de-estimacao-educativos/>
- Lopes, J., & Silva H. S. (2011). *O professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel.
- Lopes, J. P., & Silva, H. S. (2020). *50 Técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: PACTOR.
- Martins, D. L. S. (2019). *Estabelecimento de coberturas verdes com plantas autóctones na região de Lisboa Desenvolvimento de técnica inovador de instalação de vegetação*. (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre). Recuperado de Instituto Superior de Agronomia. <file:///C:/Users/Maria/Downloads/Tese%20Diana%20Martins.pdf>
- Martins, I. M., & Pedrosa, M. M. (2018). *Cá dentro – Guia para descobrir o cérebro*. Lisboa: Planeta Tangerina.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. formação de professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental da Ciências. Recuperado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/explorando_formacao_pr_ofessores.pdf
- Medeiro, J., & Cortez, M. (2018). Gestão das emoções na sala de aula. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 6, 80-89. Recuperado de http://www.joaodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_6.pdf
- Mesquita, M. S. B, V. (2013). *A interpretação de enunciados matemáticos e a resolução de problemas - Um estudo com alunos do 4.º ano de escolaridade*. (Relatório de Projeto de

- Investigação). Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal: Portugal. Recuperado de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6576/1/A%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20de%20enunciados%20matem%C3%A1ticos%20e%20a%20resolu%C3%A7%C3%A3o%20de%20problemas.pdf>
- Ministérios de Educação (2017). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Lisboa: DGEC. Recuperado de https://dqe.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Moitas, A. L. P. (2013). Planificação no jardim-de-infância: Retórica e realidade. (Dissertação). Universidade de Aveiro - Departamento de Educação, Aveiro. Recuperado de <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/12397/1/tese.pdf>
- Morgado, J. (2004). Qualidade na educação – Um desafio para os professores. Queluz, Portugal: Editorial Presença.
- Mosqueira, P., & Almeida, J. M. (2017). O papel da supervisão pedagógica nos primeiros anos de prática docente no 1.º ciclo do ensino básico. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 5,28-43. Recuperado de http://www.joaodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_5.pdf
- Paredes, L. (2021). O exterior como espaço de aprendizagem: perspetiva de uma professora. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 8,101-109. Recuperado de http://www.joaodedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_8.pdf
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pimentel, J. H. A. (2017). *A importância das histórias no pré-escolar*. (Relatório final de educação pré-escolar). Coimbra: ESEC.
- Pinto, M. (2010). Desenvolver competências do oral no 1.º ciclo. In Sousa, O. C. & Cardoso, A. (Eds.), *Desenvolver competências em língua em língua portuguesa: Percursos didáticos* (pp.15 – 32). Lisboa: Edições Colibri.
- Pinto, M. E., & Canavarro, A. P. (2012). O papel das representações na resolução de problemas de Matemática: um estudo no 1.º ano de escolaridade. In Magalhães, O. & Folque, A. (org), *Práticas de Investigação em Educação*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação.
- Pombo, O., Guimarães, H. M., & Levy, T. (2004). *A interdisciplinaridade – Reflexão e experiência*. Alfragide, Portugal: Texto Editora.

- Porto Editora (s.d.). *Educação literária*. Porto: autor. Recuperado de <https://www.portoeditora.pt/especiais/educacao-literaria>
- Portugal, G., & Laevers, F. (2018) *Avaliação em educação pré-escolar*. Sistema de acompanhamento das crianças (SAC). Porto: Porto Editora.
- Priberam Dicionário. *Significado de gincana*. Recuperado de <https://dicionario.priberam.org/gincana>
- Ribolet, S. A. (2009). Ler livros e contar histórias com as crianças – Como formar leitores ativos e envolvidos. Porto: Porto Editora.
- Ruivo, I. (2014). A consciência fonológica – Uma questão de práticas consistentes e sistemáticas. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 2,48-55. Recuperado de http://www.ioadedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_2.pdf
- Ruivo, I. (2017) *Ler e escrever no 1.º ano de escolaridade*. *Revista Científica de Educação para o Desenvolvimento*, 4, 32-46. Recuperado de http://www.ioadedeus.pt/documentacao/revistacientifica/ED_4.pdf
- Sá, J., & Varela, P. (2004). Crianças aprendem a pensar ciências: Uma abordagem interdisciplinar. Porto: Porto Editora.
- Sá, J., & Varela, P., (2004). *Crianças aprendem a pensar ciências: Uma abordagem interdisciplinar*. Porto: Porto Editora.
- Sá, J. (2004). *Crianças aprendem a pensar ciências*. Porto: Porto Editora.
- Sá, J., & Varela, P. (2004). *Crianças aprendem a pensar ciências – Uma abordagem interdisciplinar*. Coleção Panorama. Porto: Porto Editora.
- Sampaio, M. F. (2018). Discursos didáticos das expressões artísticas no 1.º ciclo do ensino básico: Práticas e estratégias. (Tese de doutoramento). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Recuperado de https://run.unl.pt/bitstream/10362/69723/1/Sampaio_2018.pdf
- Santos, M., & Santos, J. (2009). A escrita criativa no 1.º ciclo do ensino básico. In Azevedo, F. & Sardinha, M. G. (Coord), *Modelos e práticas em literacia* (pp. 159- 167). Lisboa: Lidel.
- Serpa, M. (2010). *Compreender a avaliação. Fundamentos para as práticas educativas*. Lisboa: Edições Colibri.

- Serrano, P., & Luque, C. (2015). *A criança e a motricidade fina – Desenvolvimento, problemas e estratégias*. Lisboa: Papa- Letras.
- Silva, A. N. (2017). Brincar e aprender. Aprender a brincar. In T. Sarmiento, F. I. Ferreira, & R. Madeira (Orgs.) *Brincar e aprender na infância* (pp.11-37). Porto: Porto Editora.
- Silva, H. S., & Lopes J. (2018). *Eu, professor, pergunto – 20 respostas sobre planificações de ensino-aprendizagem, estratégias de ensino e avaliação*. Lisboa: PACTOR.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silva, J. N., & Santos C. P. (2011). Jogos e matemática. In Palhares, P., Gomes, A. & Amaral, E. (Coord.), *Complementos de matemática para professores do ensino básico* (pp.303-334). Lisboa: Lidel.
- Sim- Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Simões, R. R. G. (2011). *Desenvolver a consciência fonética no pré-escolar, um programa de intervenção*. (Tese de Mestrado). Recuperado de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9478/1/TESEMestrado.pdf>
- Soares, L. D. (2015). *O livro das datas*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (2017). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Edições Piaget.
- Thouin, M. (2004). *Resolução de problemas científicos e tecnológicos – Nos ensinamentos pré-escolar e básico 1.º ciclo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem – Novas práticas pedagógicas*. Porto: Edições ASA.
- UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. Lisboa: Autor. Recuperado de https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf
- Vasconcelos T. (coord.), Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M. J., & Alves, S. (2011). *Trabalho por projetos na educação de infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Viana, F. L., & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler – Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: ASA Editores.

Viana, F. L., & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler – Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições ASA.

Wiens, K. (2020). Quebrar o ciclo de stress e distração usado a inteligência emocional. In Goleman, D., Wiens, K., Lipson, M., Gallo, A., Grant, H., Valcour, M., ...& Pillay, S., *Inteligência emocional concentração* (pp.39-50). Lisboa: Conjuntura Actual Editora.

Woodward K. (2019). *Enciclopédia do conhecimento – Animais*. Alfragide, Portugal: Texto Editores.

Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2001). *Didática da educação infantil*. Porto, Portugal: ASA Editores II, S.A.

Anexos

Anexo 1

História do Senhor *Tan*

– História do Sr. *Tan*

O Sr. *Tan* era um imperador muito importante. Mas já tinha uma certa idade e nunca tinha saído do seu reino, pediu a um súbdito/ ajudante/conselheiro sábio se podia ir viajar pelo mundo e contar-lhe tudo o que tinha visto.

Preparou a viagem toda, e partiu. Demorou muitos dias, meses e anos até voltar. Passou por muitas aventuras, e muitos contratempos. Mas no fim, contou ao Sr. *Tan* por tudo o que tinha passado durante tantos dias. Este conselheiro da sua viagem trouxe-lhe algo que nunca tinha visto antes. Sabem o que era? Um espelho quadrado. Só existia aquele em todo o mundo, e agora era do Sr. *Tan*.

O Sr. *Tan* estava a passear no seu jardim a observar aquele objeto raro. Mas de repente ouviu um estrondo vindo da sua habitação e com o susto, deixou cair o espelho. Este partiu-se em 7 pedaços.

Anexo 2

Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e
Abordagem à Escrita – 4 anos

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Nome: _____ Data: _____

1. Identifica a letra que inicia a palavra **Água**.
 - 1.1. Pinta apenas as quadriculas que tem a letra **A**.
2. Conta quantas quadriculas pintaste.
 - 2.1 Rodeia o numeral que corresponde à quantidade de quadriculas pintadas.

A	I	A	O	A
U	A	E	U	O
A	O	Q	A	U
I	A	U	O	A
A	E	I	A	B

5 8 11
10 9

Anexo 3

Grelha de avaliação da proposta de atividade do Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos

Grelha de avaliação da Área da Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 4 anos

Parâmetros	1. Identificação da vogal/a/					2. Motricidade Fina						3. Fazer contagens		Total	Resultados da Avaliação
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6	3.1	3.2		
Cotações	4	3,5	2,5	1,5	0	3	2,5	2	1,5	1	0	3	0		
C1	4	-	-	-	-	-	-	-	1,5	-	-	3	-	8,5	Bom
C2	4	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	3	-	10	Muito Bom
C3	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C4	4	-	-	-	-	-	2,5	-	-	-	-	3	-	9,5	Muito Bom
C5	4	-	-	-	-	-	2,5	-	-	-	-	3	-	9,5	Muito Bom
C6	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C7	4	-	-	-	-	-	-	-	1,5	-	-	3	-	8,5	Bom
C8	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C9	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C10	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C11	4	-	-	-	-	-	-	-	1,5	-	-	3	-	8,5	Bom
C12	4	-	-	-	-	-	-	-	1,5	-	-	3	-	8,5	Bom
C13	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	0	5	Suficiente
C14	-	-	2,5	-	-	-	-	-	-	1	-	-	0	3,5	Insuficiente
C15	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C16	4	-	-	-	-	-	-	-	1,5	-	-	3	-	8,5	Bom
C17	4	-	-	-	-	-	2,5	-	-	-	-	3	-	9,5	Muito Bom
C18	4	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C19	4	-	-	-	-	-	-	-	1,5	-	-	3	-	8,5	Bom
C20	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
C21	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	8	Bom
Média do grupo															Bom

Anexo 4

Proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e
Abordagem à Escrita – 5 anos

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Nome: _____ Data: _____

1. Retira da caixa as seguintes letras: a, l, a, m.

1.1. Forma duas palavras com as mesmas letras.

1.2. Escreve no retângulo as palavras que descobriste.



a

l

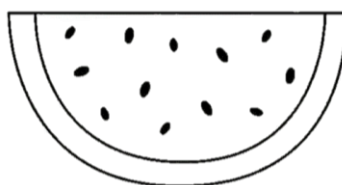
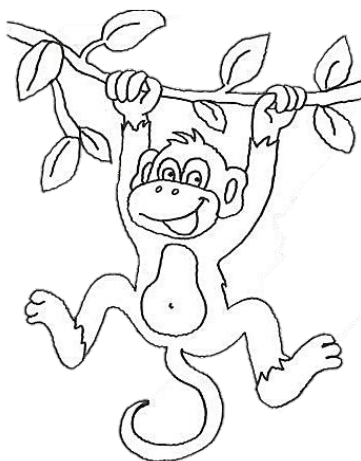
a

m

Empty rectangular box for writing the first word.

Empty rectangular box for writing the second word.

2. Pinta a imagem em que o *metil* serve de letra.



macaco

melancia

tambor

Anexo 5

Grelha de avaliação da proposta de atividade da
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Grelha de avaliação da Área da Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos																	
Parâmetros	1. Reconhecimento das letras /a/, /l/ e /m/								2. Formação de palavras					3. Identificação das regras da Cartilha Maternal		Total	Resultados da Avaliação
	Critérios	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.	1.6.	1.7.	1.8.	2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	2.5.	3.1.		
Cotações	3	1,5	1,5	1,5	0,5	0,5	0,5	0	3	4	2	1	0	3	0		
C1	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	0	6	Suficiente
C2	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C3	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C4	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C5	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C6	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C7	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C8	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	0	6	Suficiente
C9	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C10	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C11	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C12	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C13	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	7	Bom
C14	-	-	1,5	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	7,5	Bom
C15	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C16	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C17	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C18	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C19	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C20	-	-	1,5	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	7,5	Bom
C21	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	9	Muito Bom
C22	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	0	5	Suficiente
C23	-	-	-	1,5	-	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	7,5	Bom
C24	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	0	4	Insuficiente
C25	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	0	4	Insuficiente
Média do grupo																	Bom

Anexo 6

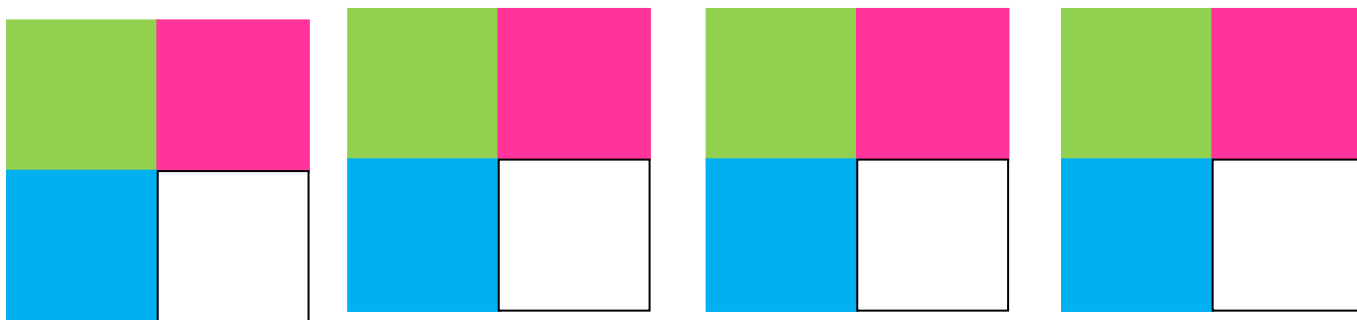
Proposta de trabalho da Disciplina de Matemática – 3.º ano

Disciplina de Matemática

Nome: _____ Data: _____

1. Representa nas Calculadoras *Papy* o seguinte número.

1375



- a. Faz a leitura do número por ordens.













1.2. Qual o numeral de maior valor relativo? _____

1.3. Qual o numeral de maior valor absoluto? _____

2. A família da Carlota foi festejar os Santos Populares em Alfama. Os elementos que compõem esta família são 4. A mãe comprou 2 sardinhas para cada. Passado 1 hora, voltou para comprar o triplo do que tinha comprado anteriormente. Quantas sardinhas comprou a mãe da Carlota no total?

Indicação	
-----------	--

Operação	
----------	--











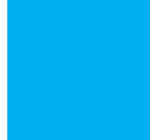

					
					

R: _____

3. O Pedro mora no Porto. Decidiu procurar em casa se tinha martelinhos para festejar o São João na sua turma. Encontrou no armazém do pai 16 martelinhos. Foi a casa da sua avó e encontrou outros 18 martelinhos. Quantos martelinhos encontrou no total?

Indicação	
-----------	--

Operação	
----------	--

R: _____

Anexo 7

Grelha de avaliação da proposta de trabalho da
Disciplina de Matemática - 3.º ano

Grelha de avaliação da Disciplina de Matemática – 3.º ano

Parâmetros	1. Representação de números						2. Leitura do número				3. Distinção de numerais quanto à sua posição			4. Resolução de Problemas										Total	Resultados da Avaliação
														4.1.			4.2.			4.3.					
Critérios	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.	1.6.	2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	3.1.	3.2.	3.3.	4.1.1.	4.1.2.	4.1.3.	4.2.1.	4.2.2.	4.2.3.	4.3.1.	4.3.2.	4.3.3.	4.3.4.		
Cotações	2	1,6	1,2	0,8	0,4	0	1	0,5	0,3	0	1	0,5	0	2	1	0	2	1	0	2	1,5	1	0		
C1	2	-	-	-	-	-	-	0,5	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	-	1,5	-	-	9	Muito Bom
C2	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	-	2	-	-	-	8	Bom
C3	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	9	Muito Bom
C4	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	10	Muito Bom
C5	2	-	-	-	-	-	-	0,5	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	-	2	-	-	-	8	Bom
C6	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	10	Muito Bom
C7	-	-	-	-	0,4	-	-	-	-	0	-	-	0	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	5	Suficiente
C8	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	10	Muito Bom
C9	2	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	1	-	7	Bom
C10	-	-	-	-	-	0	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2	-	-	2	-	-	-	7	Bom
C11	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	0,5	-	2	-	-	-	1	-	-	1,5	-	-	8	Bom
C12	2	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	-	-	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	8	Bom
C13	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	-	2	-	-	-	8	Bom
C14	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	9	Muito Bom
C15	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	-	1,5	-	-	10	Muito Bom
C16	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	1,5	-	-	9	Bom
C17	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	9	Muito Bom
C18	2	-	-	-	-	-	-	0,5	-	-	1	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	1	-	8	Bom
C19	2	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	-	-	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	9	Muito Bom
C20	2	-	-	-	-	-	-	0,5	-	-	1	-	-	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	10	Muito Bom
Média do grupo																									Bom

Anexo 8

Proposta de trabalho da Disciplina de Português - 4.º ano

Nome: _____ Data: _____

1. Lê o texto atentamente.

História de uma flor



A flor vermelha, desde que tivera a cor que o sol lhe havia dado, começara breve a vida, a sua verdadeira vida ligada à terra. E em vida sorriu. Vida breve de flor que em breve iria morrer. Mas continuaria.

(...) Pela mão de uma criança, filha dos homens, separou-se da terra, partiu.

A mãe recebeu a flor da mão do filho e sorriu:

– Sabes que esta flor tem milhões de irmãos? – perguntou-lhe.

– Ela vivia só, no charco dos sapos... - observou a criança. Onde estão eles, os irmãos?

– Vem ver...

E a mãe deu-lhe a mão direita muito suave e segura enquanto a esquerda prendia a flor. Ambos caminhavam pelas ruas.

Nas ruas havia flores vermelhas por toda a parte. No peito das mulheres, dos homens, nos olhos das crianças, nos canos silenciosos das espingardas.

Nem era uma guerra, nem uma festa. Era o mundo de coração aberto. O menino, espantado, olhava tudo e todos, e sua mãe. O menino que fugira pela madrugada diferente para encontrar a flor solitária. E viu que a mãe chorava. De alegria.

E com sua mão de seda pura limpou-lhe as lágrimas transparentes. Ambos haviam entendido a alegria única das flores cortadas. No peito de toda a gente. E continuaram a caminhar pelas ruas húmidas de alegria. Rios livres a correrem para o mar. Numa esquina encontraram o pai, com uma flor ao peito. Abraçaram-se os três, sorrindo. Como se abraçassem o mundo inteiro. E continuaram a caminhar.

Matilde Rosa Araújo, História de uma flor, Editorial Caminho, 2008 (texto adaptado)

2. Responde às seguintes questões:

2.1. Assinala com uma cruz (X) a opção que permite complementar cada uma das afirmações, de acordo com o texto.

a) A flor tinha:

- milhões de pétalas.
- milhões de folhas.
- milhões de irmãos.
- milhões de flores.

b) A flor vivia:

- só, no charco das rãs.
- com outras flores, no charco das rãs.
- só, no charco dos sapos.
- com outras flores, no charco dos sapos.

2.2. No excerto do texto diz “Nas ruas havia flores vermelhas por toda a parte. No peito das mulheres, dos homens, nos olhos das crianças, nos canos silenciosos das espingardas”.

2.2.1. A que comemoração se refere este excerto do texto?

2.2.2. Transcreve uma frase do texto que justifique a resposta anterior.

3. Escreve frases distintas sobre o texto que leste, utilizando um adjetivo no grau normal, grau comparativo de igualdade, e grau superlativo absoluto sintético

Grau Normal	Grau Comparativo de Igualdade	Grau Superlativo Absoluto Sintético
<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Anexo 9

Grelha de avaliação da proposta de trabalho da
Disciplina de Português – 4.º ano

Grelha de avaliação da Disciplina de Português – 4.º ano

Parâmetros	1. Reconhecimento das letras /a/, /l/ e /m/									2. Formação de palavras				Total	Resultados da Avaliação
	1.1.			1.2.						2.1.	2.2	2.3	2.4		
	1.1.1.	1.1.2.	1.1.3.	1.2.1 .1.	1.2.1 .2.	1.2.1 .3.	1.2.2.1.	1.2.2.2.	1.2.2.3.						
Critérios	1	0,5	0	2	1	0	2,5	1,5	0	4,5	3	1,5	0		
C1	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	10	Muito Bom
C2	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	10	Muito Bom
C3	1	-	-	-	1	-	-	-	0	4,5	-	-	-	6,5	Suficiente
C4	1	-	-	-	1	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	9	Muito Bom
C5	1	-	-	2	-	-	-	-	0	-	-	1,5	-	4,5	Insuficiente
C6	1	-	-	-	1	-	2,5	-	-	-	-	1,5	-	6	Suficiente
C7	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	Insuficiente
C8	-	0,5	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	9,5	Muito Bom
C9	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	10	Muito Bom
C10	1	-	-	2	-	-	-	-	0	4,5	-	-	-	7,5	Bom
C11	1	-	-	2	-	-	-	-	0	4,5	-	-	-	7,5	Bom
C12	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	10	Muito Bom
C13	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	10	Muito Bom
C14	1	-	-	-	1	-	-	-	0	4,5	-	-	-	6,5	Suficiente
C15	1	-	-	2	-	-	-	-	0	4,5	-	-	-	7,5	Bom
C16	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	10	Muito Bom
C17	1	-	-	-	1	-	2,5	-	-	4,5	-	-	-	9	Muito Bom
C18	1	-	-	2	-	-	2,5	-	-	-	3	-	-	8,5	Bom
Média do grupo															Bom

